



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE HISTÓRIA

NIXON MARQUES CHAVES VIEIRA DA SILVA

“COMO FERMENTO NA MASSA”:
A TRAJETÓRIA DOS CÍRCULOS BÍBLICOS NO VICARIATO OESTE
DA ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO ENTRE NOS ANOS DE
1968-1986

Rio de Janeiro
2020

NIXON MARQUES CHAVES VIEIRA DA SILVA

“COMO FERMENTO NA MASSA”:

A TRAJETÓRIA DOS CÍRCULOS BÍBLICOS NO VICARIATO OESTE
DA ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO ENTRE NOS ANOS DE
1968-1986

Monografia apresentada à Banca Examinadora do
Instituto de História da Universidade Federal do
Rio de Janeiro como exigência para obtenção do
título de bacharel e licenciado em História.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Andrea Casa Nova Maia.

Rio de Janeiro

2020

NIXON MARQUES CHAVES VIEIRA DA SILVA

“COMO FERMENTO NA MASSA”:
A TRAJETÓRIA DOS CÍRCULOS BÍBLICOS NO VICARIATO OESTE
DA ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO ENTRE NOS ANOS DE
1968-1986

Monografia apresentada à Banca Examinadora do
Instituto de História da Universidade Federal do
Rio de Janeiro como exigência para obtenção do
título de bacharel e licenciado em História.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Andrea Casa Nova Maia.

Aprovado em _____ \ _____ \ _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Andrea Casa Nova Maia.
(Orientador – Instituto de História – UFRJ)

Prof. Dr. Marcos Luiz Bretas da Fonseca.
(Departamento de História – UFRJ)

Prof. Dr. José Augusto Pádua
(Instituto de História – UFRJ)

Rio de Janeiro

2020

CIP - Catalogação na Publicação

S586" Silva, Nixon Marques Chaves Vieira da
"Como fermento na massa": a trajetória dos
Círculos Bíblicos no Vicariato Oeste da Arquidiocese
do Rio de Janeiro entre os anos de 1968-1986 /
Nixon Marques Chaves Vieira da Silva. -- Rio de
Janeiro, 2020.
52 f.

Orientadora: Andrea Casa Nova Maia.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto
de História, Bacharel em História, 2020.

1. Igreja Católica. 2. Comunidades Eclesiais de
Base. 3. Círculos Bíblicos. I. Maia, Andrea Casa
Nova, orient. II. Título.

Para João, meu filho, meu grande amor e
verdadeiro motor de minha história.

RESUMO

Este trabalho busca analisar o processo de surgimento e expansão das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e o papel dos Círculos Bíblicos nesta trajetória dentro no Vicariato Oeste da Arquidiocese do Rio de Janeiro entre os anos 1968–1986. Neste período, há uma clara mudança de postura da Igreja Católica em relação a atuação dos fiéis leigos, bem como em relação à sociedade, incentivada pelo Concílio Vaticano II e as Conferências Episcopais de Medellín e Puebla. É feita então a análise dos roteiros dos Círculos Bíblicos e seu papel de instruir para o exercício da fé articulada à cidadania nas comunidades a partir dos encontros, em um período marcado pelo regime militar.

Palavras-chave: Igreja Católica, Comunidades Eclesiais de Base, Círculos Bíblicos.

ABSTRACT

This paper analyzes the process of appearance and expansion of the Basic Ecclesial Communities (CEBs) and the role of the Biblical Circles in this trajectory within the Vicariate West of the Archdiocese of Rio de Janeiro, between 1968-1986. During this time, there's a clear change of attitude of the Catholic Church in correlation to the performance of the faithful laity, as well as in relation to society, encouraged by the Second Vatican Council and as Episcopal Conferences of Medellin and Puebla. It's made, then, an analysis of the Bible Circle scripts and their instructive role in the exercise of faith articulated with the practice of citizenship in the communities from the reunions, in a period marked by the military dictatorship.

Keywords: Catholic Church, Basic Ecclesial Communities (CEBs), Bible Circles.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	UMA NOVA IGREJA PARA NOVOS TEMPOS	3
3	A ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO	13
3.1	A criação do Vicariato Oeste e Dom Eugênio Sales.....	13
3.2	Os Círculos Bíblicos no Vicariato Oeste.....	17
4	OS ROTEIROS DE CÍRCULOS BÍBLICOS	22
5	CONCLUSÃO	37
	BIBLIOGRAFIA	39
	ANEXOS	43

1 INTRODUÇÃO

O estudo da atuação da Igreja Católica no mundo contemporâneo não é de fácil delimitação devido às particularidades da instituição. Embora busque apresentar-se, interna e externamente, como monoliticamente coesa, o gigantismo e pluralidade mostram-se como um grande desafio para os que se dedicam a estudá-la, bem como para a própria instituição visto que múltiplas facetas surgem tanto na hierarquia eclesial quanto no laicato¹.

Este trabalho circunscrito à uma pesquisa de graduação, busca analisar o processo de surgimento e expansão das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) – e o papel dos Círculos Bíblicos nesta trajetória – no Vicariato Oeste da Arquidiocese do Rio de Janeiro. O recorte temporal deste estudo se estende do final dos anos 1960, quando se inicia o movimento de Círculos Bíblicos na região, fortemente estimulado por um grupo de padres estrangeiros que atuavam neste vicariato, até o ano de 1986, quando tem início a mobilização em torno da assembleia nacional constituinte.

Embora já exista uma extensa bibliografia a respeito, consideramos pertinente traçar inicialmente um histórico sobre o período de transformações vivido pela Igreja Católica entre as décadas de 1950 e 1960. Neste período há uma clara mudança de postura em relação a atuação dos fiéis leigos, bem como em relação à sociedade, o que é trabalhado no primeiro capítulo, visto que estas mudanças foram o suporte que fundamentou a atividade religiosa dos movimentos que analisaremos neste trabalho.

No segundo capítulo, observamos mais detidamente o impacto da formulação de um “novo jeito de ser Igreja”, expressão recorrente desse período, através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) na Igreja do Brasil, e também o início da implementação destes grupos na Arquidiocese do Rio de Janeiro. Surgem, neste período de transformações, figuras que notadamente influenciaram a estrutura da Igreja, em destaque o cardeal arcebispo Dom Eugênio Salles. Neste capítulo também apresentamos o Vicariato Oeste, porção territorial da circunscrição eclesiástica, situada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, a quem detivemos prioritariamente nosso olhar, bem como a atuação de agentes pastorais como os padres Lucio Zorzi e João Cribbin.

A terceira parte deste nosso trabalho é dedicada à apreciação dos roteiros de Círculos Bíblicos produzidos no Vicariato Oeste, conjunto documental que compõe a fonte principal

¹ Fiéis católicos não ordenados, ou seja, que não receberam o sacramento da Ordem.

para nossa análise das CEBs e dos Círculos Bíblicos, a fim de investigar, através das discussões propostas pelos idealizadores do material, as expectativas, intenções, caminhos e limites dos grupos que utilizavam os roteiros no Vicariato Oeste.

É necessário esclarecer ainda que o objetivo inicial do presente trabalho era avaliar a atuação das CEBs, com ênfase no resultado das atividades desses grupos eclesiais em um contexto de ditadura militar. Entretanto, após um “diálogo” mais aprofundado com as fontes, ficou patente a necessidade de adotar outra abordagem. Percebemos que a preocupação do grupo que redigia os roteiros para os encontros dos Círculos Bíblicos transcendia à questões muito mais amplas, ao abordar temas como família, religião, cidadania, direitos humanos, convívio social, trabalho e, claro, o contexto político do país. Ater-nos à apenas uma particularidade diante de tão rico conteúdo seria algo superficial e empobrecedor.

A fim de fazer jus às potencialidades deste conjunto documental, resolvemos ampliar o escopo de nossa pesquisa, claro, sem a intenção de dar conta de todas as possibilidades de pesquisa de nossa fonte, mas a fim de apresentarmos um panorama da abrangência dos roteiros de encontros. Esta mudança foi fundamental para entender mais claramente o surgimento de tantas comunidades, a partir do final dos anos 1960.

Outra explicação que se faz necessária é o caráter quase acidental da delimitação temporal deste estudo. Os roteiros seguem em sequência, com poucos hiatos, a partir de 1971 chegando até os anos 1990 (e mais pulverizados, com poucos números, já nos anos 2000). Como a primeira motivação da pesquisa era restrita ao período ditatorial, restringiríamos a análise das fontes até o ano de 1985. Entretanto, com a mudança da abordagem, fomos até o final do ano de 1986 a fim de apreendermos a atuação em torno das eleições gerais de novembro de 1986 e da escolha dos parlamentares que integrariam a assembleia nacional constituinte.

Vale ainda ressaltar que a não adoção do termo “ditadura civil-militar” tem apenas um caráter simplificador, já que não é nosso objetivo esmiuçar o caráter do regime. Embora o intervalo temporal desta obra atravesse o período, acreditamos que a utilização de um termo menos preciso não comprometa a análise dos Círculos Bíblicos – foco de nosso interesse.

Por fim, esclarecemos que não pretendemos fazer uma ode laudatória à esses movimentos sociais - o que por vezes acaba parecendo a tônica de estudos sobre grupos cristãos “progressistas”, e sim conhecer a atuação de parte da Igreja do Rio de Janeiro, como quem tenta, parafraseando Burke, “lembrar a sociedade daquilo que ela quer esquecer”.

2 UMA NOVA IGREJA PARA NOVOS TEMPOS

A partir da década de 1950, a Igreja Católica experimentou novos ares no Brasil e no mundo. Ocorreu um processo de mudanças no campo ideológico da instituição, bem como na sua atividade pastoral, sobretudo na América Latina, com grande ênfase em uma nova pauta: a justiça social.

No Brasil, a Ação Católica Brasileira (ACB), surgida nos anos 1930 com o objetivo de reposicionar a Igreja de forma mais compassada com a sociedade contemporânea, ganhou mais notoriedade e poder de articulação a partir da organização do secretariado nacional da ACB por parte do então padre Hélder Pessoa Câmara em 1947². No início dos anos 1950 surgem grupos segmentados derivados das fileiras da ACB, como a Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC), Juventude Operária Católica (JOC)³ e Juventude Universitária Católica (JUC). Tais grupos tiveram destacada influência, assumindo o compromisso de inserção da Igreja no meio das chamadas lutas populares (MAINWARING, 1989). Através destas especializações de sua atuação, a ACB iniciou um diálogo mais aberto e objetivo junto à sociedade, visto que já se articulavam nacionalmente e com mais “fluidez” por não estarem atrelados ferreamente às burocracias institucionais da Igreja.

Neste período de ampliação das atividades desses movimentos de caráter religioso nos meios seculares, membros do clero – juntamente com o núncio apostólico à época, Dom Carlo Chiari e sob a articulação do padre Hélder Câmara, promoveram encontros com o objetivo de centralizar a ação da Igreja no Brasil estreitando o vínculo do episcopado. Como resultado, iniciavam-se os primeiros passos para a formação de uma associação episcopal de caráter nacional⁴ (MAINWARING, 1989).

Pe. Hélder Câmara havia iniciado sua vida religiosa em 1931 em Fortaleza, sua cidade natal, exercendo seu ministério com ênfase na atuação junto a grupos operários, em especial de jovens. Neste período aproxima-se da Ação Integralista Brasileira (AIB), chegando a coordenar

² Dom Hélder Câmara manteve-se no cargo de assistente-geral da ACB entre os anos de 1949 e 1962.

³ A Juventude Operária Católica foi fundada anteriormente, em 1948 (MAINWARING, 1989).

⁴ As conferências episcopais nacionais só tiveram sua jurisprudência normatizada a partir do Concílio Vaticano II. Até então, quem detinha a última palavra representando a Igreja de Roma nos países era o núncio apostólico, uma espécie de embaixador da Santa Sé.

a seção de educação da instituição no Ceará, e fundando alguns núcleos do movimento no estado.⁵

Em função de sua participação nas eleições do ano de 1934, em que a Liga Eleitoral Católica (LEC) ajudou a eleger diversos deputados federais e estaduais no Ceará – além do candidato ao governo estadual apoiado pelo movimento – padre Hélder foi convidado para assumir o cargo de diretor do Departamento de Educação do Ceará, em 1935. No ano seguinte foi convidado a assumir o cargo de assistente-técnico de Educação do Distrito Federal mudou-se, então, para o Rio de Janeiro, subordinado a Dom Sebastião Leme, onde receberia a ordenação episcopal em 1952 nomeado bispo-auxiliar da arquidiocese do Rio de Janeiro (ABREU, 2010).

Além do cargo junto ao estado, na capital da República, dedicou-se à implementação do ensino religioso nas escolas públicas. Mostrou-se uma figura proeminente nas ações de caráter religioso/pastoral da Igreja, criando a Revista Catequética e colaborando com a Revista do Assistente Eclesiástico (periódico oficial da ACB), atuando ainda como conselheiro da Nunciatura Apostólica (GOMES, 2014).

No âmbito social empenhou-se em acompanhar o desenvolvimento de diversas regiões do Brasil, com notado destaque para o Nordeste, buscando amparar a população que se transferia desta região para as grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo e colaborar com a organização dos moradores que se deslocavam para as favelas e que passavam por grandes adversidades (ABREU, 2010). Advogando pela Reforma Agrária e pelo Desenvolvimento Rural, Dom Helder se uniu ao Ministério da Agricultura e à Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR).

A atuação de Dom Hélder como articulador no diálogo entre o Estado e a Igreja foi corroborada com duas ações de destaque na arquidiocese do Rio de Janeiro: a construção dos conjuntos habitacionais denominados Cruzada São Sebastião (inaugurados em 1957, no bairro do Leblon), destinados a atender moradores de favelas; e quando da criação do Banco da Providência (1959), parceria popular, empresarial e governamental com a finalidade de

⁵ Dom Hélder Câmara manteria relações próximas com a entidade, inclusive lideranças proeminentes do movimento (como o próprio Plínio Salgado), até a decretação do encerramento de suas atividades em 1937, por ordem de Getúlio Vargas (GOMES, 2014).

enfrentar a desigualdade social com ações caritativas, capacitação profissional e geração de renda voltada para a população carente (BARROS e OLIVEIRA, 2014).

Durante o Congresso Mundial dos Leigos, realizado em Roma em 1950, e diante do cenário de aumento das dioceses, num país de proporções continentais, e também de divergências dentro do clero, Dom Hélder Câmara elaborou junto ao Monsenhor Giovanni Montini (que viria a ser o Papa Paulo VI), então secretário de Estado do Vaticano, um esboço para a organização de uma instituição que pudesse ser porta-voz do posicionamento da Igreja perante a sociedade brasileira (GOMES, 2014).

Com a aprovação do papa Pio XII para a criação da organização, obtida através da mediação do monsenhor Montini, em maio de 1952 os arcebispos de São Paulo (Dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta) e do Rio de Janeiro (Dom Jaime de Barros Câmara) solicitaram aos demais preladados do país um parecer para a criação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB)⁶, convocando os arcebispos metropolitanos⁷ para a assembleia de fundação, que se realizou em outubro do mesmo ano no Rio de Janeiro (BARBOSA, 2007). Dentre os eleitos para a gestão da entidade, o cardeal Dom Carlos Motta se tornou presidente da CNBB e Dom Hélder Câmara foi nomeado como secretário-geral da instituição, cargo que efetivamente norteava as ações da entidade, e que ocupou até o ano de 1964.

A estrutura eclesial da Igreja no Brasil, agora representada pela CNBB, satisfazia a demanda da Igreja de atuar mais prontamente na ampliação do alcance de seu projeto “teológico-político”, ao mesmo tempo que intermediava o diálogo entre a Igreja e a sociedade civil. Em seus anos iniciais a CNBB se tornou tão proeminente de modo que o embaixador papal no Brasil à época, Dom Armando Lombardi (a quem cabia a representação última da Igreja Universal no país) endossava as atividades da Conferência, o que certificava ao órgão a legitimação da Santa Sé (GOMES, 2014).

No início dos anos 1960 o laicato estava articulado em desenvolver novos modelos educacionais – sendo o mais notório o Movimento de Educação de Base (MEB), de 1961. Criado através de um acordo entre o presidente Jânio Quadros e Dom José Távora – bispo da diocese de Aracajú, o MEB era um projeto de educação popular através de escolas radiofônicas que contou com a participação de muitos membros oriundos da ACB (MAINWARING, 1989).

⁶ Na época, a terceira conferência episcopal do mundo.

⁷ Arcebispo metropolitano é o bispo da diocese “mais importante” (arqui-diocese) de uma região. A este conjunto de dioceses dá-se o nome de província eclesial.

O projeto se afastava um pouco mais das discussões religiosas características de movimentos como a JUC, visando, além da alfabetização, a formação de uma consciência política entre a população, para que pudessem perceber suas necessidades como fragmento de um problema social maior (BARBOSA, 2007).

Para um país em crescente expansão, o analfabetismo era um inconveniente que precisava ser combatido e a força dos movimentos populares, como o MEB, se tornou decisiva na tentativa de democratização da educação (FILHO, 2003).

A estrutura básica para a instauração do método do MEB⁸ contava com o aparato técnico (emissoras de rádio e rádio receptor) e uma equipe administrativa de professores e técnicos responsáveis por supervisionar e coordenar as escolas radiofônicas. Os monitores eram geralmente voluntários da própria comunidade. Todo este sistema era voltado para o ensino de jovens a partir de 14 anos e analfabetos. (BORGES, 2005)

Depois do golpe militar de 1964, a fim de coibir a inclinação política do movimento, o Estado suprimiu parte das ações sociais do MEB. Membros do clero buscaram ressignificar o movimento para uma orientação mais religiosa, numa tentativa de manter as atividades educacionais e assim preservar o programa em funcionamento mesmo após as frequentes repressões (BARBOSA, 2007).

Para Mainwaring, a forma de atuação MEB aliado a utilização do método Paulo Freire “*antecipava as práticas pedagógicas da Igreja popular ao ressaltar a necessidade de se trabalhar a partir de problemas concretos*” (MAINWARING, 1989). Algo, de fato, comum com o pensamento de Paulo Freire, que afirmava ser

preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (FREIRE, 1980).

⁸ Segundo os relatórios da própria entidade, pode-se observar que no final do seu primeiro ano (1961), o número de escolas radiofônicas era de 2.687 e a expansão do projeto chegou à gerar 7.353 dois anos mais tarde, atingindo 14 estados em seu ponto máximo de atuação: Amazonas, Pará, Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e no Território de Rondônia. Apenas no ano de 1963, aproximadamente 120 mil alunos teriam concluído a alfabetização. Estima-se que através das 29 emissoras, cerca de 5 a 8 milhões de pessoas foram alcançadas direta e indiretamente (MEB, 1982).

A metodologia com que Paulo Freire influenciou lideranças e agentes pastorais configurou uma ampliação do relacionamento da Igreja com a sociedade, mais notadamente com as populações marginalizadas. Através do diálogo, se derivam a solidariedade e se transmutam os seres humanos como agentes da sociedade que querem transformar (FREIRE, 1980). Deste modo, a integração nos grupos locais não se limitava à simples transmissão de conhecimentos nas aulas do MEB, ou da difusão de uma mensagem religiosa nos grupos. Criava-se uma conexão comunitária e um sentido de pertencimento a partir do reconhecimento de problemas comuns e da busca da construção de alternativas para superá-los.

Em outubro de 1958 uma novidade irrompeu na Igreja. A eleição de Ângelo Roncalli como o papa João XXIII representou o início de um novo ciclo e seu pontificado, embora curto (pouco mais de 4 anos), direcionou a Igreja à pluralidade do mundo moderno em uma tentativa de promover maior tolerância religiosa e diálogo cultural. Suas encíclicas *Mater et Magistra* (1961) e *Pacem in Terris* (1963), notadamente as mais importantes de seu governo, se tornaram orientações políticas e econômicas voltadas para esta nova era. Sua visão sobre o direcionamento da Igreja pode ser sintetizada neste trecho da *Mater et Magistra*:

De modo que a Santa Igreja, apesar de ter como principal missão a de santificar as almas e de fazê-las participar dos bens da ordem sobrenatural, não deixa de preocupar-se ao mesmo tempo com as exigências da vida cotidiana dos homens, não só no que diz respeito ao sustento e às condições de vida, mas também no que se refere à prosperidade e à civilização em seus múltiplos aspectos, dentro do condicionalismo das várias épocas. (JOÃO XXIII, 1961)

Avaliando as múltiplas demandas do mundo moderno no contexto da Guerra Fria, João XXIII realiza um balanço sobre a dimensão social do Evangelho com sua carta encíclica *Pacem in Terris*. Com a preocupação de dialogar com todo o mundo, não apenas os católicos, busca examinar à luz da Doutrina Social da Igreja as origens das exclusões e desigualdades sociais e propõe a participação dos indivíduos na vida pública, tendo em vista que

(...) o bem comum de cada comunidade política assim também o bem comum universal não pode ser determinado senão tendo em conta a pessoa humana. Por isso, com maior razão, devem os poderes públicos da comunidade mundial considerar objetivo fundamental o reconhecimento, o respeito, a tutela e a promoção dos direitos da pessoa humana, com ação direta, quando for o caso, ou criando, no plano mundial, condições em que se torne mais viável aos poderes públicos de cada comunidade política exercer as próprias funções específicas (João XXIII, 1963).

No ano de 1963 o papa João XXIII convoca um concílio ecumênico – uma assembleia com representantes eclesiásticos de todo o mundo, a fim de realizar profundas reformas internas na Igreja, reformular doutrinas e criar condições para promover a unidade dos cristãos. Além da participação de milhares de padres conciliares, o evento contou com centenas de teólogos que atuaram como consultores e peritos, e também com observadores das igrejas Ortodoxas e Protestantes. Sobre este evento, Martina indica:

No dia 11 de outubro de 1962, apresentaram-se para a sessão inaugural 2.540 padres conciliares. (...) Considerando os bispos auxiliares, os diversos bispos da cúria vaticana, etc. os bispos chegavam em todo o mundo a cerca de 4.000, nessa mesma data. Pode-se dizer, numa primeira olhada, que todas as dioceses, ou quase, estavam representadas e que cinco sextos de todo o episcopado mundial tinham respondido ao apelo do papa. Jamais, não só na história da Igreja, mas pode-se talvez dizer em toda a história, uma assembleia se apresentou tão numerosa e com caracteres tão universais (MARTINA, 1997).

Sendo uma das mais radicais reformas da Igreja, o concílio não significou a criação de algo novo nas discussões sobre justiça social, mas trouxe essas questões já presentes em encíclicas como a *Rerum Novarum* (1891) e *Quadragesimo Anno* (1931) de forma mais incisiva (MAINWARING, 1989). Com o propósito de renovar a visão sociopolítica-econômica da instituição, se reconheceu a necessidade do diálogo ecumênico e foi conferido aos fiéis um papel de maior responsabilidade dentro da Igreja e da sociedade (GOMES, 2014).

No âmbito religioso, pode-se observar a mudança dos rituais litúrgicos dos sacramentos, sobretudo a missa que deixava de ser celebrada exclusivamente em latim para ser realizada nas línguas vernáculas. Incentivou-se ainda o ecumenismo bem como o respeito e diálogo junto às outras religiões, e a discussão de diretrizes práticas para uma renovação pastoral por meio do clero (KOPANYSHYN, 2015).

Segundo Mainwaring, as mudanças trazidas pelo Concílio Vaticano II e seu idealizador, o papa João XXIII eram almeçadas por diversos grupos dentro da Igreja. Nesse sentido, as determinações resultantes do Concílio seriam a incorporação e validação do trabalho destes teólogos e movimentos precedentes em nível máximo – fator essencial em se tratando de uma instituição hierárquica. Estas modificações trouxeram entusiasmo especialmente à Igreja da América Latina, por levantar questões pertinentes aos anseios do povo, ao mesmo tempo que faziam valer a voz do povo dentro da Igreja. Não à toa, o Vaticano II ficou conhecido como o *aggiornamento* (que em italiano significa arejar, atualizar) da Igreja. Mainwaring destaca ainda que:

O Vaticano II era um evento europeu, dominado por bispos e teólogos europeus e dirigido principalmente à Igreja europeia. Curiosamente, no entanto, as reformas do Concílio conduziram a mudanças que foram mais significativas em alguns países da América Latina do que na própria Europa. Maior participação dos leigos, justiça social, maior sentido de comunidade, maior co-responsabilidade dentro da igreja e relações de maior proximidade entre o clero e o povo exigiam na América Latina mudança maior do que na Europa (MAINWARING, 1989).

Impulsionado por estes “novos ventos” soprados do Vaticano, a década de 1960 viu surgir um novo movimento religioso, de caráter popular, valendo-se de uma metodologia de integração entre fé e sociedade. As comunidades Eclesiais de Base (CEBs), impulsionadas sobretudo pela leitura da bíblia articulada à reflexão e ação na sociedade, se multiplicaram em diversas regiões do Brasil, bem em como em outras regiões da América Latina.

As CEBs despontavam como um novo “modelo” de Igreja, com forte engajamento nas lutas cotidianas dos fiéis, na diversidade e nas adversidades do contexto socioeconômico enfrentadas pelo povo. A presença das CEBs no meio rural é, notadamente, mais numerosa desde seu início (CNBB, 1982), mas também se percebeu um *“desenvolvimento significativo nas áreas mais empobrecidas do meio urbano, especialmente pelo fato de se aproximarem, por meio de sua metodologia e preocupação social, dos problemas vividos pelo povo”* (BRITO, 2015).

Cada CEB, fruto de sua realidade, adquire características próprias em função das necessidades do território onde está inserida. Na obra cujo título é “Como se faz uma Comunidade Eclesial de Base”, Dom Luís Fernandes, já na introdução, afirma que não pretende ensinar uma receita ou apresentar uma teoria. O livro é uma coletânea de *“estórias, reais ou fictícias... São todas verdadeiras! Tudo visto e vivido. Testemunhos”* (FERNANDES, 1984), apresentando a multiplicidade de situações e demandas que podem fazer nascer uma comunidade. Entretanto, existem características que as unificam. O escritor Frei Betto, de forma sintética, assim define a experiência das CEBs:

São comunidades, porque reúnem pessoas que têm a mesma fé, pertencem à mesma igreja e moram na mesma região. Motivadas pela fé, essas pessoas vivem uma comum-união em torno de seus problemas de sobrevivência, de moradia, de lutas por melhores condições de vida e de anseios e esperanças libertadoras. São eclesiais, porque congregadas na Igreja, como núcleos básicos de comunidade de fé. São de base, porque integradas por pessoas que trabalham com as próprias mãos (classes populares): donas-de-casa, operários, subempregados, aposentados, jovens e empregados dos setores de serviços, na periferia urbana; na zona rural, assalariados agrícolas, posseiros, pequenos proprietários, arrendatários, peões e seus familiares (BETTO, 1981)

Já a teóloga Maria Clara Bingemer apresenta um conjunto de quatro características que marcam as comunidades. Em primeiro lugar a territorialidade, reunindo pessoas de uma mesma região, que compartilham uma mesma realidade social e enfrentam os mesmos desafios. Isto favorecia, por exemplo, a *“implementação da luta e a conquista de melhorias para a população local, tais como luz, água e esgoto”* (BRITO, 2015).

A segunda marca de unidade das CEBs, segundo Bingemer, seria a forma de leitura e reflexão do texto bíblico, que se dava a partir de reuniões que buscavam traduzir as escrituras à luz do contexto social em que os fiéis viviam. A autora aponta que esta é a característica em torno da qual muitas comunidades se formaram (BRITO, 2015). Frei Betto destaca ainda a utilização de *“folhetos em linguagem popular – linguagem visual e não conceitual, concreta e não abstrata, como nas parábolas do Evangelho – onde os fatos da vida são comparados aos da Bíblia”* (BETTO, 1981).

Outra característica seria a gestão participativa da vida comunitária, na forma de conselhos ou assembleias, para a discussão, a solução e o encaminhamento concreto dos problemas (BRITO, 2015). Algo que seria bastante inovador diante do tradicional modelo hierárquico e piramidal de relação entre o clero e o laicato.

Por fim, a autora destaca como quarto ponto comum às CEBs a formação de ministérios leigos a fim de atender às necessidades da comunidade. Tais ministérios poderiam ter finalidade religiosa, como ministros da Palavra (responsáveis pela pregação e condução das celebrações litúrgicas) ou ministros da Eucaristia (que cuidavam do sacramento da comunhão), ou algum serviço de caráter social a fim de atender alguma necessidade específica da comunidade como cursos de alfabetização, hortas comunitárias, clubes de mães, etc. (BRITTO, 2015). Esses ministros são os *“agentes pastorais: padres, religiosas e leigos, formados pela própria comunidade”* (BETTO, 1981) que assumem a liderança dos serviços comunitários.

Apesar do caráter descentralizado e *“autônomo”* das CEBs, as comunidades sempre buscaram manter a comunhão com o corpo institucional da Igreja, e em sua grande maioria, se formaram a partir da atuação de padres e freiras (MAINWARING, 1989).

O clero, por sua vez, manteve uma relação de proximidade com relação às CEBs, e estas se tornavam uma importante contribuição da Igreja do Brasil para o catolicismo. Inicialmente, muitos bispos incentivaram as CEBs apostando em sua capacidade de *“enriquecer as relações humanas, facilitar uma evangelização mais efetiva, desenvolver uma melhor educação religiosa e promover uma participação leiga mais ativa”* (MAINWARING, 1989), mas sem

vislumbrar que as comunidades pudessem trilhar o caminho que seguiram de engajamento político e de ação pastoral voltada preferencialmente para as camadas populares.

Em algumas regiões as CEBs se desenvolveram porque não havia como a Igreja desempenhar uma atividade pastoral efetiva devido à escassez de padres e religiosos. Entretanto Mainwaring destaca que *“as CEBs foram originalmente pensadas como um meio de fortalecer a presença da Igreja tradicional, não para ser uma nova forma de Igreja. Foram pensadas com a intenção de estimular a fé dentro de uma sociedade secular, não para modificar essa sociedade”* (MAINWARING, 1989). Brito compartilha dessa ideia, conforme podemos conferir no trecho seguinte:

Vale ressaltar que a Igreja Católica no Brasil, através das diversas dioceses, bem como da CNBB, colaborou com a formação das lideranças comunitárias, através de cursos, seminários e diversos materiais de caráter teórico e possuíam teor teológico, assim como político e social. Tal suporte teórico tinha como objetivo alimentar essas comunidades, as quais eram vistas como “o despertar da fé” no continente latino-americano, como a expressão da reconquista de um espaço popular de oração e de ação no mundo (BRITO, 2015).

No ano de 1955, o Papa Pio XII cria a Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM), a pedido dos bispos latino-americanos e caribenhos, a fim de promover o intercâmbio de formação, pesquisa e reflexão entre as conferências episcopais destes países. A CELAM “foi essencial para o engajamento da Igreja Católica na América Latina em questões de desenvolvimento social, a partir do diagnóstico histórico da desigualdade enfrentada pelos países dessa região” (KOPANYSHYN, 2015).

A segunda reunião da CELAM, realizada em 1968 na cidade de Medellín, tratou das implicações e aplicações das diretrizes adotadas pela Igreja a partir do Concílio Vaticano II (CVII) nos países da região. Sobre as CEBs, o documento final afirmava que o cristão deveria encontrar na comunidade de base a experiência da vida em comunhão (MEDELLÍN, 1968), e as CEBs eram definidas como

uma comunidade local ou ambiental, que corresponda à realidade de um grupo homogêneo e que tenha uma dimensão tal que permita a convivência pessoal fraterna entre seus membros. Por conseguinte, o esforço pastoral da Igreja, deve estar orientado à transformação dessas comunidades em “família de Deus”, começando por tornar-se presente nelas, como fermento por meio de um núcleo, mesmo pequeno, que constitua uma comunidade de fé, esperança e caridade (LG 8; GS 40). A comunidade cristã de base é, assim, o primeiro e fundamental núcleo eclesial, que deve em seu próprio nível responsabilizar-se pela riqueza e expansão da fé, como também do culto que é sua expressão.

Ela é, pois, célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização e, atualmente, fator primordial da promoção humana e do desenvolvimento (MEDELLÍN, 1968).

Após Medellín, as CEBs ocupam lugar de destaque no projeto eclesial da Igreja latino-americana e caribenha. É apontada como núcleo fundamental responsável “*pela riqueza e expansão da fé, como também do culto, que é sua expressão*”, e também como “*célula inicial da estrutura eclesial e foco de evangelização e (...) fator primordial da promoção humana e do desenvolvimento*” (MEDELLÍN, 1968). Já no final da década seguinte, na conferência episcopal de Puebla, em 1979, as CEBs são assim mencionadas:

As comunidades Eclesiais de Base que em 1968 eram apenas uma experiência incipiente amadureceram e multiplicaram-se sobretudo em alguns países. Em comunhão com os seus bispos e como pedia Medellín, converteram-se em centros de evangelização e em motores de libertação e desenvolvimento (PUEBLA, 1979).⁹

Neste intervalo de pouco mais de uma década é possível perceber o êxito pastoral das CEBs e o crescente entusiasmo que geravam em boa parte da Igreja latino-americana, pois o documento de Puebla afirmava que “*a vitalidade das CEBs começa a dar seus frutos; é uma das fontes onde brotam os ministérios confiados aos leigos: animação de comunidades, catequese, missão*” (PUEBLA, 1979). Esta parte do clero via na atuação das comunidades a realização das reformas pastorais propostas pelo CVII que desejava integrar a Igreja à realidade social dos fiéis, sobretudo os mais empobrecidos.

⁹ Tal declaração é reafirmada em 1982 pela CNBB, sendo integralmente citada no parágrafo 2 do Documento 25: “As comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil”.

3 A ARQUIDIOCESE DO RIO DE JANEIRO

3.1 - A CRIAÇÃO DO VICARIATO OESTE E DOM EUGÊNIO SALES

A arquidiocese do Rio de Janeiro experimentou algumas novidades no ano de 1967. Dom Jaime Câmara, observando a abrangência da região sob sua tutela, em que podia se notar o desequilíbrio sócio-econômico de seus habitantes, dividiu a circunscrição eclesial em seis Vicariatos Episcopais (vide ANEXO 1). (LIMA, 2009)

O cardeal nomeia então Dom Alberto Trevisan como bispo auxiliar da Arquidiocese, que anteriormente exercia a função de bispo auxiliar para o Ordinariato Militar¹⁰. Dom Jaime o encarregou também para ser primeiro Vigário Episcopal do Vicariato Oeste. De acordo com a teóloga Lucia Lima, este vicariato era constituído inicialmente por 30 paróquias, e ainda era desmembrado em cinco regiões, sendo elas: Guadalupe, Anchieta e Ricardo de Albuquerque (Região I); Magalhães Bastos, Realengo e Sulacap (Região II); Padre Miguel, Bangu, Senador Câmara e Santíssimo (Região III); Campo Grande, Guaratiba e Augusto Vasconcelos (Região IV); Santa Margarida, Cosmos, Paciência, Santa Cruz e Sepetiba (Região V) (LIMA, 2009).

Nesta época, a região sofria uma explosão demográfica por ocasião dos novos conjuntos habitacionais, como Vila Kennedy e Vila Aliança. Frutos da política de remoção do governo de Carlos Lacerda, estas comunidades acolheram famílias de diversas favelas, como as do Morro do Pasmado, Praia do Pinto, Maria Angu e do Esqueleto. (ABREU, 2010)

No ano de 1971, um mês após o falecimento de Dom Jaime, Dom Eugênio é nomeado para a arquidiocese do Rio de Janeiro. Eugênio de Araújo Sales, um dos mais notórios “bispos do nordeste”¹¹, nascido em 1920 no Rio Grande do Norte, teve uma carreira eclesial marcada pelo seu desempenho como autoridade eclesial, sua competência organizacional e sua atuação em prol dos mais necessitados. (VIEIRA, 2011) Ingressou no Seminário da Prainha, em Fortaleza, Ceará, no ano de 1931, onde cursou Teologia e Filosofia, sendo ordenado padre em 1943. Aos 33 anos, nomeado Bispo Auxiliar da Diocese de Natal. Em 1968 se tornou Arcebispo de Salvador e no ano seguinte recebeu do Papa Paulo VI o título de Cardeal.

¹⁰Inicialmente erigido como Vicariato Castrense pelo papa Pio XII, é a divisão administrativa da Igreja Católica organizada e exercida por todas as capelanias militares do Brasil, subordinado ao Vaticano

¹¹ Como ficaram conhecidos os membros do episcopado nordestino que trabalharam ativamente para a superação da situação de pobreza extrema e da desigualdade que o Nordeste estava enfrentando. Outros clérigos, também sensibilizados pelas questões, do grupo, embora nascidos nem exercido ministério episcopal nesta região, também receberam este título, como Dom Carlos Motta (São Paulo) e Dom Jaime Câmara (Rio de Janeiro) (BANDEIRA, 2000)

Ao final da década de 1940, fundou diversos projetos que visavam prestar serviços de assistência religiosa e social para os menos favorecidos como o Serviço de Assistência Rural (SAR), a Obra do Bom Pastor e o Lar das Mães - ainda em Natal. Esteve à frente de inúmeras organizações, inclusive a Emissora de Educação Rural — que em conjunto com o governo federal, estruturou um programa de alfabetização rural que contava com cerca de três mil rádios transmissores. Ainda podemos destacar sua participação na criação da Campanha da Fraternidade em 1964. (ABREU, 2010)

Houve, por parte da Igreja e dos governantes, a percepção de que o Nordeste brasileiro estaria, por conta da miséria e das faltas de condições econômicas da população, sendo alvo de interesse entre movimentos políticos antagônicos. Tornou-se, então, imprescindível que Estado e Igreja se unissem para afastar os ditos “comunistas”, ao mesmo tempo que apoiassem a população - justificando assim a criação do programa de Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). O objetivo principal destes investimentos seria o progresso da região, para que se reduzisse a força do “discurso comunista”. (VIEIRA, 2011)

Ao assumir como arcebispo do Rio de Janeiro, dom Eugênio adotou uma postura ponderada, como pode-se observar desde seu discurso de posse em 13 de março de 1971:

Em uma época de tantas divergências e discórdias, características de um período de transição do mundo, a Igreja, inserida na alma dos homens, participa de todas as suas agruras e apreensões. Tenho bem nítida a minha missão na Guanabara de ser, em Cristo, como sacramento de unidade, de convergência, de todos os homens de boa vontade que querem trabalhar na construção de um mundo mais humano e mais cristão. Não estou ligado a nenhuma ideologia, a nenhum sistema político ou econômico. Devo ser instrumento de unidade, colocando-me sempre a serviço do Evangelho. (SALES, 1971)

A escolha de Dom Eugênio para substituir Dom Jaime Câmara coincidiu com a insatisfação do Regime Militar com Dom Hélder Câmara (VIEIRA, 2011), até então bispo auxiliar do Rio de Janeiro. Afastando-se da postura mais progressista de seus antecessores, o arcebispo se manteve isento diante das sucessivas denúncias do regime militar em curso, certificando aos fiéis que a prestatividade com os excluídos se dá através da religiosidade e não envoltos em posicionamentos políticos. (ALÓ e WALTER, 2019).

A historiadora Jessie Jane tem uma visão ainda mais crítica da sua gestão à frente da arquidiocese, afirmando que “*seu apostolado no Rio de Janeiro foi marcado pelo sentimento de extrema obediência às autoridades e impôs essa concepção ao clero que, ao longo de todo o tempo, teve que se calar sobre inúmeras questões políticas importantes*” (VIEIRA, 2011).

De acordo com reportagem de Marsílea Gombata publicada na Revista Carta Capital em 2013, um ano após o falecimento do Cardeal, Dom Eugênio teria tido papel no silenciamento da CNBB sobre as torturas cometidas durante a ditadura. Em relatório para o Serviço Nacional de Informações (SNI), o I Exército do Rio de Janeiro pode ser observado o papel do cardeal em diminuir a força dessas solicitações, esclarecendo que “*A CNBB pretendia fazer declarações sobre as atuais prisões, envolvendo elementos do PCB, no RJ/RJ. Dom Eugênio Salles conseguiu esvaziar o movimento da CNBB. Irah a Roma ET, no seu retorno ao país, farah declarações favoráveis*” (GOMBATA, 2013).

Críticos ao regime da época, bispos como Hélder Câmara, Waldir Calheiros, Cândido Padin, Paulo Evaristo Arns sofreram retaliações pelas suas posições, sendo acompanhados de perto pelas autoridades militares e agentes pastorais foram investigados e suas ações foram enfraquecidas por meio de ameaças, torturas e prisões (GOMES, 2014). Dom Adriano Hypólito, considerado subversivo por conta de sua atuação social e resistência, foi sequestrado e torturado. Em entrevista sobre seu sequestro em “*O Pasquim*”, o bispo relatou

Eram seis homens e estavam armados com revólveres. Eles enfiaram um capuz na minha cabeça, me obrigaram a entrar num automóvel, arrancaram minhas roupas e passaram a chutar e pisar meu corpo. Eu estava certo de que iam me matar. Refleti sobre os motivos que levariam aqueles homens a me tirar a vida e conclui que aquilo tudo só podia ser consequência de minha atuação. A consciência disso me acalmou, preparei-me para morrer, enquanto meus sequestradores prosseguiram me submetendo a toda sorte de humilhações. Depois de esguicharem um spray de tinta vermelha sobre meu corpo, me abandonaram algemado e nu, numa rua escura de Jacarepaguá. Mas, antes me advertiram que da próxima vez eu não escaparia com vida (HYPÓLITO, 1978).

Cabe mencionar que Dom Eugênio fez parte da Comissão Bipartite, entidade formada entre os anos 1970 e 1974, em que alguns membros do clero e a alta hierarquia militar buscaram estabelecer um diálogo para apaziguar a tensão entre ambas instituições.

A Igreja preocupava-se com a violação de direitos humanos, liberdade de expressão e sobretudo a perseguição à líderes religiosos. Os militares, por sua vez, tinham o objetivo de conter as críticas que diversos bispos expunham publicamente sobre o regime e obter apoio visando legitimar algumas ações, conciliando os interesses da Igreja e do Estado. Também integravam este fórum Dom Aloísio Lorscheider, Dom Ivo Lorscheiter, Dom Avelar Brandão, Dom Lucas Moreira Neves, General Antônio Carlos da Silva Muricy, chefe do Estado Maior do Exército, além de membros do SNI e do Centro de Informações do Exército (CIE). Em 1972 Dom Eugênio deixou a Comissão (SERBIN, 2001).

Distanciando-se das polêmicas do período, Dom Eugênio manteve-se focado em administrar o trabalho pastoral da Arquidiocese. Em 1971, promoveu o primeiro plano conjunto de pastoral no Rio de Janeiro, com participação de lideranças leigas das paróquias, ainda estimulando a organização de diversas pastorais, como as da Família, da Juventude e a Missionária. Buscou também acolher os jovens que se preparavam para serem seminaristas através Pastoral Vocacional. Entre 1972 e 1975 elaborou a criação de inúmeras pastorais, como a Pastoral do Trabalhador, das Favelas, do Sistema Penal e do Anônimo, e ainda no ano de 1975 criou as Missões Populares. (ABREU, 2010)

Motivada pelo CVII e pela conferência de Medellín, um dos maiores objetivos da Igreja do Brasil na década de 1970 era formar lideranças dentro do laicato, através de uma visão da Bíblia mais integrada à realidade social, para que pudessem inovar na criação e motivação de experiências pastorais voltadas à comunidade. Neste contexto um dos nomes mais relevantes é a figura do frade carmelita Carlos Mesters¹².

¹² Escolhendo o Brasil para exercer sua atividade missionária, chegou ao país em 1949. Formado em Filosofia, Teologia e Ciências bíblicas (no Institutum Biblicum e na Escola Bíblica de Jerusalém, respectivamente), seu carisma e conhecimento o levaram a lecionar nas mais prestigiosas instituições voltadas ao ensino religioso, como o Curso Teológico dos Carmelitas e o Colégio Internacional Santo Alberto, em Roma. Frei Carlos Mesters foi um dos principais promotores do método de leitura popular da Bíblia (CAVALCANTI, 2007)

3.2 - OS CÍRCULOS BÍBLICOS NO VICARIATO OESTE

O recém-criado Vicariato Oeste estava localizado em uma área ainda considerada rural da cidade, e se encontrava num processo de franca expansão demográfica devido a criação de novos bairros e conjuntos habitacionais, por parte da política de remoções do governo Carlos Lacerda.

Após a instalação dessa população removida para estas regiões mais afastadas, a realidade contrastava com os relatos de Carlos Lacerda e Sandra Cavalcanti, secretária de Serviços Gerais sobre os conjuntos habitacionais: deficiência nos serviços de transporte, falta de saneamento básico, precariedade no sistema de abastecimento de água e falta de oportunidades de emprego, número insuficiente de comércio, escolas e postos de saúde na região podem ser citados como alguns dos problemas enfrentados por esta população. Por conta disso, doenças crônicas como diarreias, anemias, tuberculose e hepatite afligiam a população. (ALMEIDA, 2008).

Um grupo de jovens padres, em sua maioria estrangeiros¹³ recém-chegados ao Vicariato Oeste, entusiasmados pelas resoluções do CVII sobre o papel da Igreja, dedicaram-se a fomentar o surgimento e organização de pequenos grupos e comunidades, a fim de efetivar esta nova maneira de “ser Igreja” através da utilização do texto bíblico para reflexão da realidade em que viviam, sobretudo pelo método de Leitura Popular da Bíblia estruturado por Frei Carlos Mesters (LIMA, 2009).

No entanto, antes de dar prosseguimento ao trabalho realizado pelos Círculos Bíblicos no Vicariato Oeste, cabe aqui apresentar dois personagens que foram essenciais tanto na instauração deste trabalho missionário na zona oeste, como no arquivamento do material que será analisado e melhor discutido no próximo capítulo: os padres João Cribbin e Lúcio Zorzi.

O missionário irlandês John Cribbin conhecido como padre João Cribbin, ingressou na Ordem dos Oblatos de Maria Imaculada¹⁴ e foi ordenado em 1961. Chegando ao Brasil, em 1962, iniciou seu trabalho pastoral na Igreja de São Simão em Goiás, onde permaneceu até 1966. Em seguida foi transferido para o Rio de Janeiro, assumindo os trabalhos na Paróquia de

¹³ O grupo de padres estrangeiros do Vicariato contava com os italianos Lucio Zorzi, Nino Miraldi, Giacinto Miconi, Costanzo Bruno, José Melchiori, Vicente Zambello e Manoel Maria Lozada, o irlandês João Cribbin e o marroquino formado na Espanha, Fernando Sánchez (LIMA, 2009)

¹⁴ O lema da congregação é "*Evangelizare pauperibus misit me - pauperes evangelizantur*" (Ele me enviou para evangelizar os pobres – os pobres são evangelizados)

São José em Magalhães Bastos¹⁵ (PAZ, 2011), ficando à frente desta comunidade até o ano de 2010 quando regressou à Irlanda por problemas de saúde, vindo a falecer no ano seguinte.

Lucio Zorzi era seminarista em Trento, na Itália, durante o período do CV II e inspirado pelas propostas com concílio transfere-se para o Seminário para a América Latina em 1963, sendo ordenado sacerdote em 1964. Chegou à Arquidiocese em 1966 inicialmente assumindo como vigário cooperador nas paróquias São Salvador do Mundo e, depois, na Santa Clara, ambas em Guaratiba. Neste período estudou no Instituto Superior de Pastoral Catequética (ISPAC)¹⁶, especializando-se na Pastoral Catequética. No vicariato oeste participou da criação e coordenação do Centro de Orientação Pastoral Catequética (COPAC), dirigido por uma equipe de padres e religiosas, e a Escola Pastoral Catequética (ESPAC) com o intuito de oferecer formação e capacitação de agentes de pastorais, e também dos Círculos Bíblicos e as Missões Populares. Em dezembro de 1978, assumiu como vigário na Igreja de São João Evangelista onde atuou como pároco até 2016, quando retornou para a Itália.

O trabalho inicial dos grupos de Círculos Bíblicos visava atender as regiões mais afastadas da igreja-matriz das paróquias existentes àquele momento. As reuniões, muitas vezes realizadas nas residências, buscavam estabelecer um relacionamento mais próximo entre os participantes, sendo organizadas em dia e horário estabelecidos pelo próprio grupo. Às vezes chamados “Comunidades de Base”, “Grupos do Evangelho” ou simplesmente “Círculos Bíblicos”, a depender da paróquia, eles buscavam através do estudo da Bíblia que os fiéis refletissem sobre seu cotidiano e multiplicassem esta percepção de fé dentro da vida comunitária (LIMA, 2009).

Sobre os grupos de Círculos Bíblicos é relatado no livro de memórias¹⁷ da Paróquia São José:

(...) pequenos grupos que se reúnem semanalmente para refletir sobre a Palavra de Deus, compartilhar ideias, discutir problemas da paróquia, do bairro, dos vizinhos, procurando encontrar soluções comunitárias para os problemas. Mais do que um grupo de oração, os Círculos Bíblicos são pequenas comunidades de 8, 10, 12 pessoas que se unem por laços de amizade,

¹⁵ O prestígio do padre João Cribbin com seu trabalho evangelizador voltado ao Vicariato Oeste pode ser exemplificado através do uso de seu nome diversas estruturas da região, como a estação de BRT em Magalhães Bastos e a clínica da família de Realengo.

¹⁶ Centro de estudo e formação para catequistas criado pela CNBB no Rio de Janeiro em 1962.

¹⁷ Este livro foi organizado para prestar homenagem ao trabalho do padre João Cribbin na Paróquia São José em Magalhães Bastos, e reúne relatos e memórias dos paroquianos, sendo publicado no ano de seu falecimento, em 2011.

afinidade religiosa, comunidade de fé e onde uns aprendem e crescem com os outros. (PAZ, 2011)

Esses encontros eram norteados por um instrumental didático simples, servindo de “ponte” entre o texto bíblico e a vida cotidiana, estabelecendo uma forma de catequese continuada e de formação de leigos conscientes na fé e na sociedade, como aprofundaremos no próximo capítulo.

“Como alicerce de uma obra, que fica invisível mas é a sustentação de uma casa, assim podemos comparar a presença dos círculos bíblicos. (...) desenvolvem reflexões sobre a articulação de fé e vida, no apelo ao compromisso cristão com a transformação e efetiva libertação de todos os tipos de opressão. Nestas reflexões, menciona-se a necessidade de organização dos grupos de base com vistas à militância, e se fundamenta no evangelho a mística que anima este processo.” (ANDRADE, 2011)

A evolução do vínculo e engajamento dos participantes desses pequenos grupos religiosos por diversas vezes deu origem a novas comunidades - em alguns casos criando novas capelas¹⁸ e paróquias, e fortalecendo as atividades pastorais desenvolvidas na arquidiocese, como pastoral do trabalhador, das domésticas, e mais notadamente a Pastoral de Favelas¹⁹.

Em outros casos, originou entidades de caráter social, como associações de moradores, clubes de mães, levou à construção centros comunitários. E por diversas vezes assumiu a luta pela resolução de problemas cotidianos, reivindicando direitos como saneamento básico, moradia digna, criação de creches, acesso à educação e aos serviços de saúde e transporte de qualidade, como por exemplo em Vila Kennedy.

De acordo com o relato colhido pela socióloga Gizele Almeida sobre a formação de lideranças políticas na região de Vila Kennedy,

Foi na época da ditadura, só que os padres estavam muito com a gente. Por trás, tinha eles orientando como fazer. As pessoas vieram jogadas pra cá, perdidas, sem saber como fazer. Essa coisa de formar o conselho de moradores surgiu da igreja, da orientação dos padres que estavam conosco ajudando dia-a-dia. Lá a gente fazia faixas, cartazes (ALMEIDA, 2011).

A Igreja, na figura destes padres, orientava à organização e busca pelo bem comum. Através de entrevista cedida à Edilson Adad, Padre Constanzo Bruno relata “*a luta da igreja para conseguir a linha de ônibus, até na época foi manchete no Jornal do Brasil, porque foi a*

¹⁸ Podemos citar como exemplo a Capela de Nossa Senhora Aparecida, na Vila Aliança, que foi criada a partir da iniciativa do padre Constanzo Bruno, e com auxílio do Bispo auxiliar à época, Dom Affonso Felipe Gregory, adquiriram as manilhas para canalizar uma rua próxima à capela.

¹⁹ Sobre a Pastoral das favelas, ver Gláucia Ferreira Lima de Brito (2015) e Mario Sergio Ignácio Brum (2005)

primeira manifestação na época da ditadura que foi realizada em defesa dos direitos do transporte” (ADAD, 2015), destaque em um dos roteiros²⁰ de Círculos Bíblicos avaliados, trazendo a nota “*A Vitória da V. Aliança - O povo da Vila Aliança há muito reivindicava uma linha de ônibus para o bairro. Unido e organizado, lutou e venceu*” (vide ANEXO 2).

Entretanto, este tipo de mobilização e luta política produzida pelos movimentos religiosos não raras vezes encontrava forte resistência. No contexto de ditadura militar, a ação dos agentes comunitários bem como dos padres que os assessoraram não passava despercebida pelo regime, e em algumas vezes entraram em choque.

Em correspondência de junho de 1971, o padre Nino Miraldi de Vila Kennedy escreve a seu amigo monsenhor Fernando Pavanello (reitor do seminário para América Latina na Itália) relatando, dentro outros assuntos, a perseguição que sofria por parte de agentes militares, inclusive com a gravação de suas homilias. Com ironia, Miraldi informa que “*Nós continuamos a ser objeto de cuidados especiais da parte da Segurança Nacional, não apenas nós²¹, mas um pouco todo vicariato, estamos retrocedendo. Antes era um coronel, agora é um capitão, me sinto humilhado*” (DEMOFONTI e BRUNETTI, 1996). [tradução nossa]

Ainda assim, diante de momentos de repressão vivida pelas comunidades, a população recorria aos membros do clero pertencentes ao vicariato em busca de auxílio, demonstrando que embora também fossem perseguidos, contavam com o prestígio e a estrutura eclesial como suporte. O relato de Paulo Banana sobre sua relação com o padre João Cribbin, de Magalhães Bastos, demonstra a confiança depositada na Igreja.

Quando fui preso em 1979 por ter organizado um mutirão para reconstruir a casa de uma família que foi demolida pelo grileiro que se dizia dono das terras na favela onde morei por 17 anos. Lá estava você com o vigário episcopal Pe. Lessa e o advogado da pastoral das favelas (Dr. Hélio Luz) para me liberar no posto de polícia militar de Vila Kennedy. (...) Quando fui ameaçado de morte em minha casa (Graças a Deus não estava em casa) como agente da pastoral das favelas da diocese do Rio em solidariedade aos despejados da ocupação do Paraíso do Brizola (1983) também em Vila Kennedy. Um policial militar da reserva, o Sr. Luiz, quis se beneficiar indevidamente daqueles despejados e quis me matar por tê-lo impedido e denunciado. Lá estava você de novo junto com o vigário episcopal no 14º batalhão da PM e depois no DPO da Vila Kennedy, e juntos perdoamos o Sr. Luiz que, publicamente pediu desculpas do que fez (ou melhor, do que não fez) na assembleia dos despejados que

²⁰ Este roteiro não identificava o ano da publicação nem o veículo que a nota foi publicada, mas estava armazenado junto aos roteiros do ano de 1980.

²¹ Se referindo também ao padre Constanzo Bruno que também vivia em Vila Kennedy.

estavam abrigados num galpão próximo a paróquia na Vila Kennedy (PAZ, 2011).

Cabe ressaltar que, já durante o período democrático, algumas lideranças comunitárias provenientes dos movimentos religiosos do vicariato oeste buscaram expandir sua atuação para a esfera política. Alguns chegaram a obter sucesso, como por exemplo Paulo Edson de Amorim Costa, conhecido como “Paulo Banana”, membro da pastoral das favelas na Vila Kennedy (eleito deputado estadual em 1989) e Adilson Pires (eleito vereador em 1988), da Vila Aliança. Ambos exerceram seus mandatos pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

Nesse sentido, analisando o processo dos Círculos Bíblicos, podemos inferir que serviram como escolas para o exercício da cidadania nos grupos, movimentos e comunidades que se formaram a partir dos encontros. Em um período onde a atuação política era limitada pelas barreiras impostas durante o regime militar, os movimentos eclesiais podem ser vistos como frestas, pequenos espaços que buscavam despertar no povo o anseio por autonomia, tanto na vida eclesial quanto na sociedade.

4 OS ROTEIROS DE CÍRCULOS BÍBLICOS

O presente capítulo tem por objetivo analisar dos roteiros produzido pela equipe do Vicariato Oeste para a condução de encontros de Círculos Bíblicos. Acreditamos que, além de nos dar a conhecer as ideias dos agentes religiosos que fomentavam as pequenas comunidades eclesiais na região, nos permitem vislumbrar um pouco desta atuação e assim conhecer tais grupos.

Cheguei ao conhecimento deste material através da historiadora Gláucia Brito e por conversas com agentes pastorais da época, e o acesso aos documentos – inclusive para fotografá-los – me foi gentilmente cedido pelo padre Felipe Lima, atual vigário episcopal do vicariato.

Este acervo encontra-se na atual sede do Vicariato Oeste, na paróquia São Lourenço em Bangu. A existência dessa documentação não é de conhecimento geral, e o local não tem a característica de funcionar como um espaço de guarda ou divulgação deste tipo de material. Os papéis se encontravam em duas caixas poliondas bem cheias, separados em pastas por datas, agrafados com grampos e cliques metálicos já oxidados e danificando os papéis.

Há indícios, através de algumas anotações nos próprios roteiros de que os papéis pertenciam ao padre João Cribbin. Entretanto, não sabemos dizer o porquê de não ter sido agregado ao acervo da biblioteca da Paróquia São José, onde se encontra parte do material produzido por ele. Há também rumores de que na paróquia São João Evangelista onde atuou o padre Lucio Zorzi também se encontram encadernados uma coleção destes roteiros, mas como o material encontrado na paróquia São Lourenço supriam a demanda da análise necessária para este trabalho, não foram avaliados para a conclusão deste trabalho.

Embora o início da produção destes roteiros tenha sido em dezembro de 1968, o primeiro volume que aparece nesta coleção é de dezembro de 1970. Entre os anos de 1972 e 1986, último ano pesquisado, as edições seguem contínuas com pequenos hiatos, faltando poucos volumes. Observei ainda que existem algumas publicações dos anos 1990, e de forma pulverizada alguns papéis do início dos anos 2000.

O editorial do exemplar de fevereiro de 1971 informa que a equipe editorial é composta pelos padres Lucio Zorzi (Guaratiba) e Manoel Lozada (Guadalupe), Mariazinha (Guadalupe), Ir. Sylvia (Santa Cruz), mas ao longo da publicação não há muita informação a respeito sobre quem compunha a equipe editorial do material junto ao padre Lucio ao longo dos anos. Alguns

exemplares constavam o selo do COPAC, iniciativa encabeçada pelo padre Lucio, mas da qual não encontramos registros de suas atividades. Por vezes, o endereço de contato variava entre as paróquias Paróquia Santa Clara e Paróquia São João Evangelista, ambas em Campo Grande onde atuou o padre Lucio, e nos anos finais do período analisado na Paróquia São Lourenço, em Bangu.

Ao examinar os roteiros produzidos, percebemos a limitação de estarmos averiguando somente a produção intelectual do grupo que os organizava e não a vivência de fato destes grupos impactados pelo material. Ainda assim, é possível perceber que o conteúdo tinha por objetivo orientar os participantes quanto à fé, criar comunidades e impulsionar ações que fossem um reflexo do posicionamento ativo diante daquilo que consideravam, à luz dos documentos da Igreja, o verdadeiro papel do cristão dentro da sociedade.

Voltados para uma população de uma “nova periferia” cidade do Rio de Janeiro, um extremo subúrbio surgido a partir de diversas remoções promovidas pelo governo, e da construção de novos conjuntos habitacionais, estes roteiros nos permitem compreender a proposta pastoral e de evangelização de seus criadores. Para nós, os textos evidenciam a preocupação em transmitir, prioritariamente, uma mensagem religiosa. Entretanto, o discurso era diretamente conectado aos problemas da população, seguindo as diretrizes do Plano Pastoral de Emergência da CNBB, consoante com as novas resoluções da Igreja a partir do Concílio Vaticano II e da CELAM de Medellín e Puebla.

Entretanto é possível supor que o sucesso editorial do roteiro seja indício de que muitos grupos fora do Vicariato Oeste buscassem adotar o modelo de encontro e uma adesão à maioria das ideias desenvolvidas. Alguns roteiros trouxeram trechos de correspondências com elogios e sugestões vindas de outras dioceses do estado como Barra Mansa e Três Rios, e também de outros estados como Nova Veneza (Goiás) e Catanduva (São Paulo).

Outro indicativo do êxito pastoral dos Círculos Bíblicos são seus números: segundo dados do editorial de abril de 1975 as cartilhas eram enviadas para 430 grupos. Em outubro daquele mesmo ano, a tiragem era de “quase 600”. Em janeiro de 1979, completando 10 anos dos roteiros, a publicação diz em nota:

Temos a esperança que nosso ideal (é o ideal de toda a Igreja depois do CVII e depois de Medellín) seja também o seu, assim como o ideal dos muitos coordenadores a quem enviamos estes roteiros (quase 1600). Temos a esperança que nosso trabalho tenha ajudado um pouquinho na caminhada da Igreja, à serviço da evangelização e da libertação.

Possivelmente o vínculo do padre Lúcio com o Instituto Superior de Pastoral Catequética (CNBB) tenha ajudado a fazer com o que os roteiros tivessem maior abrangência. O intercâmbio de material de informação e animação entre os grupos de CEBs parecia ser uma tendência, visto que era um tipo de abordagem pastoral nova (para os padrões temporais de uma instituição milenar), e não raro, vista com desconfiança. Durante a fase inicial da pesquisa, consultando a biblioteca²² da paróquia São José, encontrei exemplares de cartilhas de CEBs produzidas em Campina Grande (Paraíba), Itapecerica da Serra (São Paulo) e na prelazia de São Félix do Araguaia (Mato Grosso).

Importante pontuar que anualmente acontecia a Assembleia geral dos coordenadores de Círculos Bíblicos do vicariato, sempre em 21 de abril, voltado para a formação e animação dos grupos, a fim de trocar experiências e estreitar as relações dessa rede de comunidades eclesiais. O convite para o evento era sempre anunciado nos roteiros, bem como relatos após a sua realização. Segundo o roteiro de junho de 1973 o encontro contou com a presença de 140 participantes, representando 16 paróquias - também mencionando presença de representantes do bairro de Olaria, e das dioceses de Três Rios, Barra Mansa e Quatis.

A estrutura dos roteiros consistia em um texto introdutório voltado aos coordenadores dos Círculos Bíblicos que apresentava o tema abordado. A seguir, inicia-se o esquema de 4 à 5 encontros, um para cada semana do mês com notas aos coordenadores indicando alguns direcionamentos necessários para aquela abordagem ou textos bíblicos que poderiam complementar o entendimento. Às vezes contava também com notícias e informes, ou anexos como um roteiro de uma Celebração da Palavra²³ ou uma Catequese.

Essas Catequeses tinham um caráter didático, acrescentados também uma composição de formação religiosa sobre temas como os tempos litúrgicos, sobre os sacramentos (inclusive estimulando a participação nas missas, a confissão), Maria, os santos ou “céu e inferno”. Eram propostos com a recomendação de que fossem trabalhados numa reunião à parte, ou inserido num dos encontros semanais que houvesse a disponibilidade de tempo maior - sendo ministrado pelo coordenador ou algum participante que ficasse responsável por estudar e apresentar o material num formato mais próximo de uma “aula”, e não tanto de um debate.

²² A biblioteca pública idealizada pelo padre João Cribbin na igreja de São José conta com um acervo variado. Recebeu também sua coleção particular, e conta com um conjunto homilias dominicais que o padre produziu, manuscritas, nos seus últimos anos de atuação junto à paróquia.

²³ É um ato litúrgico celebrado por leigos reconhecido e incentivado pelo Vaticano II, sobretudo para regiões onde faltam padres.

O modelo de encontro contava com um canto e uma oração inicial; a indicação de um trecho bíblico para leitura; uma “reflexão comunitária” – por vezes chamados de “fatos da vida” – situações elaboradas a partir de fatos cotidianos ou notícias retiradas dos jornais para ser relacionada com texto da bíblia, e umas três perguntas para estimular a discussão entre os participantes; algumas notas para o coordenador do grupo, trazendo explicações e orientações específicas sobre alguns dos versículos do texto bíblico; e por fim um canto e oração final. Por seguirem o calendário litúrgico, e terem uma temática cíclica todos os anos, embora os assuntos se repitam, sempre são abordados de forma diferente.

Percebe-se que a proposta dos produtores dos roteiros era de que os membros dos grupos tivessem uma participação ativa nas reuniões. O formato de encontro proposto previa esta interação através de perguntas que estimulassem o debate.

As cartilhas para os círculos bíblicos serviam ainda de canal de denúncia e conscientização do povo sobre as arbitrariedades que aconteciam por conta do aparelho repressivo do regime militar. O roteiro de julho de 1973, tratando do tema dos direitos humanos, abre espaço para informar e denunciar da violência e perseguição sofrida por membros da Igreja em choque com os militares.

Em um dos encontros do roteiro citado, o debate é proposto a partir da reflexão sobre três fatos: o julgamento em que foram absolvidos 30 padres de Juiz de Fora (Minas Gerais), chamados de subversivos, "acusados de terem assinado em 1968 um documento contra a morte de um estudante e contra as violências policiais"; a condenação do padre Jentel²⁴ a 10 anos de prisão pela justiça militar de Mato Grosso, com declarações em defesa do sacerdote feitas pelo cardeal arcebispo de São Paulo Dom Paulo Evaristo Arns e do bispo Dom Pedro Casaldáliga; e comentando que Dom Hélder, por conta da censura imposta pelos militares, se encontrava "confinado no maior silêncio...". E algumas das provocações para o debate são:

“Pe. Jentel, ou os 30 padres da Igreja de Belo Horizonte, ou Dom Helder são profetas como Jesus? Por que? Se eles ficassem só rezando ou celebrando Missa ou batizando, de certo não seriam perseguidos. Mas estariam, assim, cumprindo a missão da Igreja? Por que? Em sua opinião é positiva ou negativa a ação desta Igreja que defende os direitos humanos, mesmo que muitas vezes seja mal compreendida e perseguida?”

Mesmo sem citar os militares, fica evidente o interesse dos redatores de que as denúncias feitas pudessem gerar, no debate, uma reflexão crítica ao regime militar. Ao mesmo tempo

²⁴ Sobre a prisão do padre Jentel e a obra que realizou junto aos povos Tapirapé, ver Castravechi (2017).

denotava um tom de crítica aos setores religiosos apáticos diante das arbitrariedades, cobrando um posicionamento mais incisivo da Igreja. E em última análise, buscavam legitimar sua a prática eclesial e pastoral ao passo que agiam com mais “fidelidade” aos Evangelhos.

Os editores dos roteiros, ainda que o fizessem em pequenas notas ou embutidas nas reflexões do encontro semanal, não se furtavam de noticiar casos de violência contra membros da Igreja perpetrados pelos militares. Como em fevereiro de 1972 informa sobre a prisão do pe. Daniel de Castro (pároco em Oswaldo Cruz) entre os dias 03 e 26 de janeiro "sumariamente e publicamente acusado de subversivo", e agradece a Dom Eugênio "pelo grande interesse demonstrado no caso"; ou em janeiro de 1980 em que tratam do atentado a bomba, numa igreja em Nova Iguaçu, destruindo o sacrário e altar, a fim de ameaçar novamente dom Adriano Hypólito.

Em março de 1976 dedicam uma página para publicar a nota (vide ANEXO 3) de Dom Tomás Balduino, bispo da diocese de Goiás e presidente de Comissão Pastoral da Terra (CPT), sobre a prisão de seis lavradores membros dos Grupos do Evangelho. Na nota em que defende os lavradores, acusa a arbitrária prisão como sendo perseguição política a sua atividade pastoral à frente da diocese e desafia os acusadores a direcionar a ele as acusações, e não aos lavradores. Termina a nota dizendo que visitou a comunidade e as famílias dos presos e afirma que *“no dizer de alguns deles esta prisão longe de ser água no fogo foi adubo nas plantas”*.

Ainda no ano de 1976, em novembro, os editores utilizam duas páginas (vide ANEXOS 4 e 5) para tratar do noticiário. Informam sobre o incidente em agosto, na cidade de Riobamba no Equador, em que foram presos todos os participantes de um encontro de 17 bispos de vários países (sendo 2 brasileiros), padres, freiras e leigos acusados de subversão; o sequestro e tortura sofrido por Dom Adriano Hypólito, bispo de Nova Iguaçu, em setembro – caso que havia sido proibido de ser noticiado na televisão, contando com o testemunho do mesmo sobre o episódio. E um longo relato do assassinato do padre João Bosco Penido Burnier, em outubro, no Mato Grosso, quando tentava defender duas mulheres que estavam presas e sob tortura, na companhia do bispo Dom Pedro Casaldáliga, trazendo ao final um comentário de Dom Eugênio sobre este crime:

“O trabalho em benefício dos fracos e pobres está no âmago do cristianismo e foi sempre assim no cristianismo... A voz da Igreja, sobretudo agora, deve soas com a voz a consciência em favor daqueles que sofrem injustiça... Tem fé não é somente erguer os olhos para Deus e contemplá-lo. É também olhar a terra com o olhar de Cristo. Por tudo isso o Padre João Bosco deu sua vida...”.

Era constante a reafirmação da necessidade de um cristianismo comprometido e engajado, alfinetando a religiosidade de caráter puramente "espiritual", o que nos permite inferir que os grupos sofriam constante questionamentos quanto à sua prática pastoral, e possivelmente entravam em choque com outros grupos/movimentos da vida paroquial, sobretudo em lugares em que o padre não estivesse engajado, ou não fornecesse tanto apoio pastoral para que os fiéis desempenhassem esse tipo de atividade.

A crítica aos cristãos que, participando ativamente da vida religiosa na Igreja, mas que não traduzia sua fé em gestos concretos, pode ser observada em alguns textos. Apesar da temática ser voltada a questões sociais, ainda se tratavam de textos produzidos por uma equipe religiosa em grupos voltados a ampliar o alcance da adesão católica na região.

A atenção à capacidade de organização e mobilização social que as pequenas comunidades podiam gerar era bastante presente nos roteiros. Os “fatos da vida” apresentados diversas vezes buscavam representar em suas estórias as vitórias, ainda que pequenas, que a luta popular poderia alcançar. Em fevereiro de 1980 há o relato sobre um conjunto habitacional (embora não nomeado, aparentemente era um fato de conhecimento geral na região, à época), proposto como reflexão para dos grupos de Círculos Bíblicos:

“O fato aconteceu e ainda acontece num conjunto habitacional da CEHAB²⁵, onde vivem, muito pobremente, centenas de famílias. Este conjunto era muito marcado pela violência, todo mundo desconfiando de todo mundo, com medo dos marginais, da Polícia, de seus vizinhos, naquela base de "cada um por si"... Anos atrás, alguns católicos começaram a formar um pequeno grupo de Círculo Bíblico: algumas famílias começaram a se unir, a fazer amizade. Depois estabeleceram contatos com outros vizinhos, inclusive de outras religiões. Então, partiram para lutar pelo bem comum. O primeiro e maior problema é que a CEHAB queria mandar embora muitas famílias porque não tinham conseguido manter em dia as prestações. Depois de muitos sacrifícios, reuniões, abaixo-assinados, viagens à cidade, etc., o pessoal conseguiu vencer a CEHAB, ter as dívidas canceladas e também estabelecer um aluguel razoável para todos. Depois disso, o pessoal, sempre lutando unido, conseguiu diversas melhorias no conjunto: como iluminação e posto médico. Apesar de haver ainda muita violência no local, sente-se que o povo está mais unido, mais confiante em sua força”.

Este relato nos induz a supor que editores utilizavam os roteiros também como veículos de informação, a fim de noticiar a respeito das lutas e reivindicações locais como forma de solidariedade e auxílio aos grupos, agindo contra a invisibilização das suas reivindicações e pautas. Tais notícias teriam ainda a finalidade de estimular as comunidades diante das

²⁵ CEHAB é a sigla para Companhia Estadual da Habitação do Rio de Janeiro.

dificuldades que enfrentavam e dos possíveis retrocessos através dessa sacralização da “revolta e a luta do povo numa luta pacífica para o bem comum: ‘felizes os que lutam pela justiça e os fazedores de paz!’. Aqui, o inimigo a combater não é o marginal, mas sim as injustiças que fabricam revoltas e marginais. Aqui, a ação não é impulsiva, só para resolver um problema, mas uma ação planejada que se preocupa também de eliminar as raízes dos problemas.”

Podemos ver através dos roteiros que não só a mobilização e a luta, mas também a revolta do povo diante das injustiças é sacralizada, identificados com o profetismo bíblico no seu caráter de denúncia

“As palavras de Jeremias [profeta] podem lembrar o crime e o sangue das grandes obras de hoje: Ponte Rio-Niterói, Itaipu, Transamazônica, Usina Nuclear, os prédios de luxo construídos com o dinheiro do Fundo de Garantia dos trabalhadores, etc. O que Deus diria a respeito destas obras ‘faraônicas’?”

Por vezes, os textos se mostravam preocupados com a apologética católica diante de outras religiões. Também tentavam “domar” a religiosidade popular – estranha, sobretudo, aos olhos dos religiosos estrangeiros – e sua miríade de sincretismos e superstições. A menção à outras denominações cristãs é diminuta, mas voltada sempre à demonstração ativa da prática cristã, instigada por questões como “*Entre o cristão que evita a questão e fica lendo a Bíblia e o cristão que compra encrencas para ajudar o colega, quem é que dá mais testemunho de Cristo?*” (roteiro de junho de 1975).

Os editores sempre procuraram estar alinhados às demandas de pautas que a CNBB propunha para o povo brasileiro. Não são poucas as citações a documentos da entidade que figuram nos roteiros, sobretudo em defesa dos direitos humanos. Diante do cenário de repressão e censura, os roteiros serviam como um espaço de denúncia e conscientização acerca das violações dos direitos humanos por parte dos militares.

Em fevereiro de 1973 a CNBB emite a nota “Declaração dos Bispos sobre os Direitos Humanos”, destacando o papel da Igreja em promover o bem comum. No roteiro do mês de julho o editorial destaca:

“Portanto, cada ser humano é um valor imenso! Cada gesto de amor e de serviço ao homem é de alguma forma um ato de amor e de serviço a Deus (...). Assim quando a Igreja proclama e defende os direitos do homem, proclama e defende os direitos de Deus. Quando a Igreja é perseguida em seus membros (leigos ou padres ou bispos), por servir à causa do homem, é perseguida por servir à causa de Deus. Quando a gente (nós também somos Igreja!) medita sobre as mil violências com que o povo é esmagado, medita sobre o Coração de Jesus que continua sendo esmagado pela lança...!”

E a reflexão acerca do tema dos direitos humanos continua nos encontros semanais, como por exemplo:

“O eletricista Joel acusou na 20ª Vara Criminal que seis policiais o colocaram no "pau-de-arara", onde foi espancado e recebeu choques elétricos, para que confessasse um latrocínio que não cometeu. Como consequência, ficou com a coluna vertebral lesionada, sendo obrigado a andar apoiado em muletas, incapaz permanente para o trabalho. Contando seu caso, Joel concluiu: "... parecia mais um porco amarrado que um ser humano". Na sua opinião o que aconteceu com o eletricista se repete frequentemente? Joel foi tratado como pessoa humana? Por que?”

Naquele mesmo ano, atendendo a um chamado da CNBB para que se realizasse durante o Advento uma “Campanha sobre os direitos humanos” por ocasião dos 25 anos da Declaração Universal dos Direitos do Homem. Destacamos o caráter de excepcionalidade do fato, visto que o período litúrgico do Advento - as quatro semanas que antecedem o Natal - possui um caráter especial de preparação espiritual para a celebração do nascimento de Jesus, uma das datas mais importantes da fé cristã. O roteiro de dezembro, então, foi novamente dedicado ao tema dos direitos humanos. Desta vez, contou com o esquema para uma Catequese (vide ANEXOS 6 e 7) sobre o tema para ser realizada no encontro da primeira semana, e também o texto da Declaração Universal dos Direitos do Homem. O tema é tratado com a devida contextualização cristã, sempre baseado na construção de um paralelo entre “direito do homem - direito de Deus”:

“Todos sabem o que é Natal: é Deus que se fez gente. E se também Deus quis tornar-se gente, isso quer dizer que gente é coisa muito importante, a coisa mais importante do mundo. Se Deus se fez gente, quer dizer que cada pessoa humana deve ser respeitada! (...) E Deus sabia que nem Ele seria respeitado como gente desde o começo. Lá em Belém não quiseram dar a Maria que estava grávida um lugar de gente onde dar a luz a seu filho (...). Mas Deus não ficou calado não! Veio por isso mesmo: pra gritar que é gente que é importante (não coisas!)”.

Em maio de 1979 o roteiro trazia os comentários a respeito da IX Assembleia de Coordenadores de Círculos Bíblicos que havia acontecido no mês anterior, com a presença de mais de 200 coordenadores, do vigário episcopal e diversos padres do vicariato que participaram ministrando palestras sobre temas relacionados ao documento de Puebla – tema do Encontro. Desde março a conferência de Puebla já dominava os assuntos dos roteiros, sendo sempre citados trechos para referendar as discussões propostas, e Puebla passou a ser uma das principais referências dos roteiros seguintes, como sempre demonstrou ser a prática dos redatores de apoiar sempre suas ideias tendo como base os documentos da Igreja.

A respeito da mulher, assim dizem os Bispos em Puebla: "À conhecida marginalização da mulher, como consequência de ativismos culturais (machismo, salários desiguais, educação deficiente etc.), se acrescentam novas formas de marginalização numa sociedade consumista. Assim, chega-se ao extremo de transformar a mulher em objeto de consumo por uma sociedade hedonista que disfarça a exploração da mulher sob o manto do progresso humano (publicidade, herotismo, pornografia etc.)... No setor trabalhista, constata-se a não observância ou fuga das leis que protegem a mulher (...) há também a situação lamentável das empregadas domésticas, pelos maus tratos e exploração que sofrem de seus patrões... Na Igreja constata-se, em alguns casos, insuficiente valorização da mulher em nível de decisões... No entanto deve-se destacar como sinais positivos, a lenta e progressiva ascensão da mulher em tarefas de construção da sociedade, o surgimento de organizações femininas que trabalham para conseguir a promoção, a igualdade e dignidade da mulher..."

As pautas voltadas ao direito da mulher estão sempre presentes nos roteiros, sobretudo nos meses Marianos²⁶. Indagando sobre as condições precárias de trabalho, o silenciamento dentro do ambiente familiar, mas também abrindo o questionamento sobre essas obrigações e a busca para reconfigurar estas atribuições sociais. Em um destes roteiros (datado de maio de 1979), os editores pontuam essa mudança.

“A mulher era marginalizada, não tinha vez nunca, só aos homens cabia o verdadeiro valor. Até dentro da Igreja, onde todos deveriam ser iguais, a mulher às vezes, era desvalorizada. Mas, com o passar do tempo a mulher passa a se conscientizar, vai descobrindo que, se tem deveres, tem também direitos, e assim vai assumindo seu valor e sua devida posição na sociedade”.

O roteiro de junho de 1981 nos chamou atenção. A reflexão sobre o tema da sexualidade apresentava a estória onde uma mulher que instruía a filha sobre os deveres da mulher, orientando, principalmente, sobre a subserviência necessária para manutenção do casamento e sobre “fazer suas obrigações” a fim de prover filhos à família. Sua filha discorda argumentando que “(...) se foi Deus que criou a gente assim, se foi Deus quem inventou o sexo, será que prazer que se sente é pecado?”. Os questionamentos que se seguiram suscitavam os participantes a ponderar sobre os pontos de vistas antagônicos entre as personagens. Indo além, relatam a fragilidade da mulher perante o machismo da sociedade no roteiro de dezembro de 1973, em que a personagem “se viu obrigada a pedir ajuda a um homem do bairro. O resultado foi este:

²⁶ A Igreja estabeleceu que o mês de maio anualmente fosse voltado à devoção de Maria.

ela ficou grávida e se tornou mãe solteira. Cada vez que procurava ajuda, ela sentia que a preocupação dos outros era aproveitar-se dela.”.

Salta-nos aos olhos a forma com que temas sensíveis (e que ainda hoje geram bastante polêmica) eram tratados de forma clara e direta, assumidos sob uma postura evangélica de acolhimento dos “marginalizados”. É possível supor que tais temas pudessem gerar desconforto ou debates acalorados nos grupos. Entretanto, fica evidente que os idealizadores dos roteiros tinham em seu horizonte a ideia de resgatar a mensagem que consideram mais “autêntica” de Jesus. Podemos ter como exemplo o texto a seguir, de fevereiro de 1982.

Em dezembro do ano passado, as famílias de um conjunto resolveram fazer a Novena de Natal. Quem organizou foi D. Mariza. Todas as famílias foram convidadas. Cada dia da Novena ia ser numa família do conjunto. Naquele conjunto morava uma prostituta. Para não fazer desfeita, D.Mariza convidou também a prostituta, mas não esperava que ela fosse aparecer. No primeiro dia da novena, na hora marcada foi chegando o pessoal. Também a prostituta apareceu. Aí ficou aquele ambiente ruim. Parecia que ninguém se conhecia. Todo mundo calado, todo mundo se olhando de lado. Teve gente que chegou a falar: "Eu não vou mais à novena. Minha casa não é zona. Aqui aquela "senhora" não entra!" ... sexto, sétimo, oitavo, último dia da novena. E prostituta rezou todos os dias da novena. No fim, todo mundo já estava aceitando e respeitando a moça.

Ao final, as perguntas foram voltadas para o tipo de acolhimento realizado pelos cristãos dentro da própria comunidade, fato também relatado em roteiro de outro mês (de abril de 1975), onde um homem, recuperado e saído do sistema carcerário, não conseguiu entrar em um grupo de cristãos que faziam visitas em presídios por apreensão dos integrantes, ainda relatando que somente um desses membros havia concordado. Esta autocrítica se mantém em outros “Fatos da Vida” em que são relatadas situações de parcerias entre membros da Igreja e lideranças da região (políticos, donos de fábricas), em que acima do bem comum para a sociedade, havia o benefício particular intencionado por um dos lados. Como exemplos podemos citar clérigos que no interesse de angariar fundos para a Igreja, deixavam de lado a caridade e a empatia pelos explorados (roteiro de junho de 1973); ou aceitando o auxílio de ônibus para o transporte de crianças da Catequese, promoviam a campanha de um candidato (roteiro de outubro de 1976).

No entanto, apesar do “progressismo” em sua abordagem de certos temas, questões como o racismo e as pautas lgbtqi+ se mostram imperceptíveis e refletem a postura da Igreja à época. Enfoque maior se dava ao controle de natalidade estimulado pelo governo *"fazendo com que as pessoas tenham poucos filhos, diminuindo e até tirando o salário família etc... (...) até o FMI está incentivando para que o Governo institua um rigoroso controle da natalidade"* afinal “o

Estado não tem direito de limitar a vida ou controlar o número de filhos: o Estado deve se preocupar sim, para que os bens que Deus criou para todos, sejam atribuídos com justiça” e ao aborto - chamado pelos editores de “*campanhas de morte*” em roteiro de março de 1984.

A contínua menção aos textos oficiais, como o CVII, Medellín e Puebla ou da CNBB nos reforça essa ideia de que, ao mesmo tempo em que desempenhavam suas atividades com o espírito de obediência/engajamento aos novos tempos que a Igreja propunha, imbuídos de legítimo caráter espiritual como motivação, o grupo buscava constantemente também a validação do seu “fazer eclesial”, referendado por meio das palavras da autoridade eclesiástica.

Este tipo de “empoderamento” do leigo que se nota nos roteiros assustava, principalmente, aos setores conservadores da Igreja pois colocava em xeque um modelo clerical hierarquizado. Nesse sentido podemos considerar que a reação às atividades desses grupos religiosos populares era também, em última análise, uma reação às mudanças propostas pelo CVII e nas diretrizes apontadas pelas CELAM.

Os roteiros do mês de agosto de 1980 abordam a visita do Papa João Paulo II em sua primeira viagem ao Brasil. Cada um dos encontros semanais previstos para aquele mês dedicaram-se a debater temas sensíveis às CEBs, de acordo com momentos marcantes da vinda do pontífice, como em Recife (O papa e o problema da terra e dos lavradores), em São Paulo (O papa e os trabalhadores) e no Vidigal (O papa e a opção preferencial pelos pobres), que criaram um elo entre a figura do Papa e os problemas vividos pelos excluídos da sociedade.

Além, foram amplamente abordadas as palavras do Papa às Cebes, recebendo atenção especial no Editorial em uma das semanas de reflexão (O Papa e as Comunidades Eclesiais de Base). (vide ANEXO 8)

A vinda do Papa gerava expectativas não só nas “diversas correntes da Igreja”, mas também entre os militares. Para os entusiastas da Igreja popular, havia o anseio de serem referendadas pelo pontífice suas ações e apoio na oposição que faziam ao regime militar. Para a ala conservadora, gostariam de ver “corrigidos” o que consideravam erros ou excessos, e esperavam ver na figura do polonês Karol Wojtyła, a desautorização da abrangência do fazer político da igreja, opinião compartilhada pelos militares desejosos de minimizar as críticas que sofriam da Igreja.

O Papa, sem contradizer os ensinamentos da Igreja presente nos documentos produzidos nos três últimos pontificados, resignificava conceitos-chave deste magistério. Sua postura em

defesa dos mais necessitados, e desejosa de manter estimuladas as atividades pastorais da Igreja popular dualizava com sua visão irrestrita de manter a Igreja afastada do enfoque político de suas ações sociais.

Sei da enorme importância que têm as comunidades eclesiais de base na Pastoral da Igreja no Brasil. Entre as dimensões das comunidades eclesiais de base, julgo conveniente chamar a atenção sobre a "eclesialidade"... Ser eclesiais é sua marca original e seu modo de existir e de operar. Formam-se em comunidades para melhor serem Igreja... Essa eclesialidade se concretiza em uma sincera e leal vinculação da comunidade com seus legítimos pastores, em uma fiel adesão aos objetivos da Igreja, em uma total abertura às outras comunidades e a grande comunidade da Igreja Universal! (JOÃO PAULO II, 1980).

A escolha de expressões como “*sincera e leal vinculação aos seus legítimos pastores*” e “*fiel adesão aos objetivos da Igreja*” em um discurso voltado para as comunidades eclesiais de base removiam parte da autonomia e protagonismo do leigo, amplamente apoiadas por CVII, Puebla e Medellín, que em seu trabalho diário não se restringia apenas à um trabalho orientado pelos membros do clero.

Pautados pelo magistério da Igreja nas décadas de 1960 e 1970, para os editores dos roteiros de Círculos Bíblicos, ‘a fiel adesão aos objetivos da Igreja’ passava pela observância de promover o protagonismo dos leigos. E no fazer pastoral dos agentes de CEBs, a ‘fiel adesão aos objetivos da Igreja’ incluía, também, a observação a sua realidade ao seu redor a fim de agir em busca da resolução de seus problemas.

No entanto, os discursos do papa nos roteiros apresentam uma parceria entre o pontífice e o fazer político-social das CEBs. Efetivamente, os discursos elencados mostram que Woytjila “apoiou a opção preferencial pelos pobres, enfatizou a justiça social e a participação, criticou as estruturas sociais injustas, apoiou as comunidades de base e elogiou os bispos brasileiros” (MAINWARING, 1989).

Podemos supor que o posicionamento do Papa no Brasil tenha configurado uma vitória para a equipe que produzia os roteiros. Apesar da ligeira recomendação para que nas CEBs “não fique comprometida com projetos político” (vide ANEXO 8), o saldo final era positivo. Um trunfo diante de possíveis embates e rejeições às suas atividades diante do governo da arquidiocese em perfeito alinhamento com o Vaticano.

Entretanto, pouco tempo depois começaria a surgir maiores ruídos neste diálogo entre o Vaticano e os setores progressistas da Igreja. Um ano após esta primeira visita, o Papa dirige à CNBB estas preocupações

Através de minha viagem pelo Brasil, eu quis reafirmar a convicção primeira, profundamente enraizada em meu espírito, de que a Igreja é portadora de uma missão essencialmente religiosa e cumprir essa missão é seu dever prioritário. (...) Mais grave seria a perda de identidade se, a pretexto de atuar na sociedade, a Igreja se deixasse dominar por contingências políticas, se tornasse instrumento de grupos ou pusesse seus programas pastorais, seus movimentos e suas comunidades à disposição ou a serviço de organizações partidárias. (JOÃO PAULO II, 1981)

Mainwaring aponta que, nos anos seguintes, diante de um cenário de abertura política houve uma diminuição do envolvimento político de diversos bispos, uma vez que outros atores como partidos e sindicatos retomavam o protagonismo dessas ações. O autor destaca, ainda, que este seria o momento onde grupos mais conservadores da Igreja se destacavam, tendo a figura de Dom Eugênio Sales capitaneando este movimento do clero. Em entrevista para o *Jornal do Brasil*, Dom Eugênio esclarece:

"Está começando uma nova fase para a Igreja brasileira. A Igreja teve um papel muito ativo no período em que o Brasil se tornava uma sociedade fechada. Ela era 'a voz daqueles que não tinham voz'. Hoje, o parlamento, a imprensa e os partidos estão em total funcionamento. Eles deveriam falar e a Igreja deveria se ocupar de seus próprios assuntos" (JB, 1983).

Neste momento, a atividade pastoral das comunidades no VO resistia a este conservadorismo pautado pelo alinhamento entre o Vaticano e o arcebispo do Rio de Janeiro. Alguns padres da região, diante da impossibilidade de levar adiante o modelo de evangelização que adotavam mudaram-se para dioceses vizinhas²⁷, o que fragilizou o trabalho das comunidades de base nas regiões em que atuavam.

O roteiro de outubro de 1986 é dedicado às eleições gerais²⁸, que aconteceriam no mês seguinte. Valendo-se da simultaneidade com o mês dedicado às Missões, os redatores propuseram "*como a mais urgente missão, o trabalho diante das eleições e da Constituinte*".

Percebemos a importância do tema dada pelos editores desde a escolha da capa deste roteiro. O mapa do Brasil, formado por palavras-chave como "violência", "mulher", "menor

²⁷ Padres Nino Miraldi (1980) e Giacinto Miconi (1982) para Nova Iguaçu, e Costanzo Bruno (1981) para Duque de Caxias.

²⁸ Em 15 de novembro de 1986, para os cargos de governador e deputados estaduais, bem como para senador e deputados federais, que iriam compor a assembleia nacional constituinte.

abandonado”, “desemprego”, “exploração”, “FMI” (Fundo Monetário Internacional), “retirantes” (vide ANEXO 9). E outras palavras fazendo referência à história do Brasil, como “império”, “escravos” e “Portugal”. Ao centro do mapa há um indivíduo plantando e regando a Constituinte.

O editorial, utilizado como texto-base do primeiro encontro, para convidava os membros das comunidades à reflexão acerca desta nova Constituição.

“(....) Vocês estão entendendo a enorme responsabilidade deste momento histórico? Com o nosso voto vamos escolher Senadores e Deputados Federais que vão nos representar para fazerem, em nosso nome, a nova Constituição! Como cidadãos, e ainda mais como cristãos, devemos nos preocupar com isso, devemos estar por dentro das coisas e votar conscientemente, devemos lutar (antes e depois do dia 115), para que seja feita uma boa Constituição, que defenda os direitos de todos os brasileiros e os direitos de Deus. Omitir-nos neste sentido é pecado que grita ao céu! (...)”

Os encontros buscaram, de forma didática, orientar os participantes sobre a importância deste evento, a fim de que fossem estimulados a tomar parte deste processo. Semanalmente eram levados a meditar sobre a assembleia constituinte, a necessidade de haver mudanças nas leis existentes e se elas atendiam aos interesses do povo, como identificar os princípios norteadores dos candidatos escolhidos, através de suas campanhas eleitorais, e que fossem comprometidos com a causa dos pobres e excluídos visando o bem comum, além de alertar sobre o surgimento de oportunistas que, com o objetivo de angariar votos, façam promessas de benfeitorias nos bairros. Foram esclarecidas também as atribuições dos cargos que estariam em disputa, a forma correta do preenchimento da cédula eleitoral e encerra questionando a respeito da satisfação de antigos eleitores com seus candidatos e eleitos e tirando quaisquer dúvidas remanescentes.

Aproveitando a publicação de um documento da CNBB²⁹, o segundo encontro (“A Igreja e uma nova ordem constitucional”) reforça a importância do momento político tendo em vista que uma nova constituição deveria atender aos anseios de maior justiça social e igualdade de direitos. Colaboração da igreja no processo constituinte “*a Igreja quer realizar a dimensão social de sua ação pastoral por meio dos cristãos que, movidos pela fé, se mobilizam para concretizar a vivência do amor em ações verdadeiras*”. O voto deveria ser consciente e depois, o papel dos cristãos continuava pois deveriam permanecer incluídos nos debates e fiscalizando

²⁹ O documento “Por uma nova ordem Constitucional” foi publicado após a 24ª assembleia geral da CNBB em abril de 1986. (CNBB, 1986)

a ação dos seus eleitos. Uma constituição, ao ver da entidade, deveria incluir “*os valores e direitos inalienáveis dos seres humanos, segundo os desígnios de Deus*”. Entretanto, os “desígnios de Deus” eram objeto de discussão e disputa entre grupos antagônicos dentro da própria instituição.

O incentivo à participação neste movimento em favor da constituinte proposto pelos roteiros nos sugere um profundo sentimento de otimismo por parte dos seus redatores. É possível supor que este grupo, que havia passado os últimos 18 anos dedicando-se ao trabalho de base e formando núcleos de conscientização política através da fé, com avanços e rupturas, mas também conquistas, se via diante de uma nova possibilidade de efetiva participação política. Experimentados no exercício da cidadania e da democracia nestes pequenos espaços eclesiais, imaginavam que a abertura política lhes abriria portas para construir uma nova sociedade.

5 CONCLUSÃO

Ao longo desta pesquisa, com o acesso aos roteiros de Círculos Bíblicos produzidos no Vicariato Oeste da arquidiocese do Rio de Janeiro buscamos entender o surgimento de pequenos grupos eclesiais em torno de uma leitura dos textos bíblicos articulada com a vida do povo, e como estes pequenos comunidades estavam vinculados às transformações pelas quais passava a Igreja durante o período.

Não perdemos de nosso horizonte o fato de que estamos analisando, na verdade, uma proposta. Os roteiros apenas nos mostram a expectativa dos editores com relação aos temas abordados. Apenas com a análise dos textos não saberíamos dizer em que medida tais ideias eram, de fato, absorvidas pelos grupos, se geravam o debate proposto ou ainda que o resultado destes debates fossem aqueles esperados por quem produzia o material.

Entretanto, surpreendeu-nos a ousadia em lidar abertamente com temas sensíveis dentro de um espaço religioso onde imagina-se, a princípio, que os participantes seriam mais conservadores e avessos a este tipo de assunto. Sobretudo por se tratar de gente simples, humilde, da periferia. Pode-se supor que muitas vezes os temas tenham gerado algum desconforto, resistências e embates nos grupos, com outros grupos pastorais das paróquias, com as lideranças religiosas menos afeitas a tais novidades. Mas consideramos a ampliação da distribuição dos roteiros durante o período analisado e a consistência e regularidade ao longo de quase duas décadas como indicativos de que o trabalho estava sendo bem recebido.

Destacamos ainda que o sólido embasamento dos roteiros nos documentos da Igreja como CVII, Medellín e Puebla ou da CNBB cumpriam uma dupla função: o cumprimento do espírito missionário de construir o novo tempo que a Igreja propunha, motivado pelo sentimento genuíno de pertença religiosa; por outro lado garantia a legitimação da sua atividade pastoral, com as palavras da autoridade eclesial servindo de anteparo às críticas. A reação às atividades das comunidades eclesiais de base e seu trabalho de promoção da autonomia dos leigos gerava desconfiança nos setores confortáveis com o modelo hierárquico. Era também, a seu modo, uma forma de rejeição às mudanças propostas pelo CVII, sobretudo para a América Latina pelas CELAM.

Nesse sentido, podemos concluir que a forma clara acessível que temas como moradia, direitos humanos, família, trabalho e o contexto político do país eram expostos, sempre articulados com a dimensão da fé, “sacralizava” as revoltas e as lutas do povo. O povo, por sua vez, carentes de muitas coisas, e numa área nova da cidade encontravam um espaço de reflexão

e de oração, mas sobretudo de sociabilidade, onde suas demandas podiam ser ouvidas, e muitas vezes transformadas em articulação em busca de conquistas reais. Talvez este seja o grande “trunfo” que explique a rápida multiplicação dos grupos: o que se fala, o que se ouve e o que se reza, muitas vezes se transformam em ação.

BIBLIOGRAFIA

ABREU, Alzira Alves de et al (coords.). *Conferência Nacional de Bispos do Brasil*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/conferencia-nacional-dos-bispos-do-brasil-cnbb>>. Acesso em: 21/10/2019

_____. *Eugênio de Araújo Sales*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-de-araujo-sales>>. Acesso em: 21/10/2019

_____. *Hélder Pessoa Câmara*. Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro – Pós-1930. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: < <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/helder-pessoa-camara>>. Acesso em: 21/10/2019

ALMEIDA, Gizele Avena de. *Bairro, conjunto e favela: as fronteiras simbólicas e a produção do espaço em Vila Kennedy*. Dissertação de Mestrado – UERJ/ Ciências Sociais, 2008.

ALÓ, Fernandes e WALTER, Ângelo. *Pastor Dos Bons E Dos Maus: O Cardeal Dom Eugênio Sales e a rede de proteção carioca aos exilados sul americanos durante as ditaduras de segurança nacional (1978 - 1982)*. Anais do II Encontro Internacional História & Parcerias; 21 a 25 de outubro de 2019. Rio de Janeiro: Anpuh-Rio, 2019.

BANDEIRA, Marina. *A Igreja Católica na Virada da Questão Social (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

BARBOSA, Fabiane Machado. *Comunidades eclesiais de base na história social da Igreja Cariacica (1973-1989)*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Espírito Santo/Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de pós-graduação em história social das relações políticas, 2007.

BARROS, Raimundo Caramuru e OLIVEIRA, Lauro de. *Dom Helder: o artesão da paz*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1985.

BRITO, Glaucia Ferreira Lima. *A contribuição da Pastoral de Favelas na Questão Habitacional na cidade do Rio de Janeiro (1977 – 1993)*. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto de História. Rio de Janeiro: 2015.

BRUM, Mario Sérgio Inácio. *Despertar e incentivar! A Pastoral de Favelas e o movimento Comunitário de favelas cariocas na redemocratização*. Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: < <http://periodicos.uff.br/cantareira/article/view/27846/16253>>. Acesso em: 15/11/2019

CAVALCANTI, Tereza Maria Pompéia. *A Leitura Popular da Bíblia e a V Conferência do Celam*. Atualidade Teológica, ano XI, n. 25, 2007, pp.76-103. Rio de Janeiro: 2007. Disponível em: < <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18583/18583.PDF>>. Acesso em: 18/09/2019

CASTRAVECHI, Luciene Aparecida. *A Prelazia de São Félix do Araguaia e a luta pela terra em Porto Alegre do Norte/Mato Grosso (1970-1980): migração e conflito no campo*. Dissertação de Doutorado - Universidade Federal de Mato Grosso/Programa de Pós-Graduação em História. Cuiabá: 2017.

FERNANDES, Dom Luís. *Como se faz uma Comunidade Eclesial de Base*. Petrópolis: Vozes, 1984.

FILHO, José Pereira Peixoto. *A travessia do popular na contradança da educação*. Goiânia: UCG, 2003.

FREIRE, Paulo. *A Educação como Prática da Liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GOMES, PAULO CÉSAR. *Os bispos católicos e a ditadura militar brasileira: a visão da espionagem*. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GOMBATA, Marsílea. *Dom Eugênio, agente duplo*. IN: Carta Capital, 18 de outubro de 2013. Disponível em: < <https://jornalgggn.com.br/historia/dom-eugenio-agente-duplo/>>. Acesso em: 13/11/2019

KOPANYSHYN, Emanuelle. *A ação política da igreja católica na ditadura militar: o caso de São Carlos (SP)*. Curitiba: Revista Eletrônica de Ciência Política, 2015. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/42551>>. Acesso em: 15/11/2019

LIMA, Lúcia Maria Constancio. *A experiência dos círculos bíblicos e das CEBs no Vicariato Oeste do Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado - Pontifícia Universidade Católica/Departamento de Teologia. Rio de Janeiro: PUC, 2009.

MAINWARING, Scott. *Igreja Católica e Política no Brasil (1916-1985)*. Tradução: Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MARTINA, Giacomo. *História da Igreja de Lutero à nossos dias*. São Paulo: Loyola, 1997.

PAZ, Lúcia Regina G. Oliveira. *Paróquia São José - Uma paróquia vibrante e cheia de vida - Um pouco das memórias da comunidade a partir de seus membros atuantes*. Rio de Janeiro: 2011.

SERBIN, Kenneth P. *Diálogos na sombra: bispos e militares, tortura e justiça social na ditadura*. Tradução Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

VIEIRA, Jessie Jane. Impasses e controvérsias na construção da memória histórica da Igreja Católica no Brasil. Rio de Janeiro: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, 2011. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/revistapassagens/artigos/v3n2a32011.pdf>>. Acesso em: 15/11/2019

FONTES

Círculos Bíblicos. Roteiro de dezembro de 1970.

Círculos Bíblicos. Roteiro de fevereiro de 1971.

Círculos Bíblicos. Roteiro de fevereiro de 1972.

Círculos Bíblicos. Roteiro de fevereiro de 1973.

Círculos Bíblicos. Roteiro de junho de 1973.

Círculos Bíblicos. Roteiro de julho de 1973.

Círculos Bíblicos. Roteiro de dezembro de 1973.

Círculos Bíblicos. Roteiro de abril de 1975.

Círculos Bíblicos. Roteiro de junho de 1975.

Círculos Bíblicos. Roteiro de outubro de 1975.

Círculos Bíblicos. Roteiro de março de 1976.

Círculos Bíblicos. Roteiro de outubro de 1976.

Círculos Bíblicos. Roteiro de novembro de 1976.

Círculos Bíblicos. Roteiro de janeiro de 1979.

Círculos Bíblicos. Roteiro de março de 1979.

Círculos Bíblicos. Roteiro de maio de 1979.

Círculos Bíblicos. Roteiro de janeiro de 1980.

Círculos Bíblicos. Roteiro de fevereiro de 1980.

Círculos Bíblicos. Roteiro de agosto de 1980.

Círculos Bíblicos. Roteiro de junho de 1981.

Círculos Bíblicos. Roteiro de fevereiro de 1982.

Círculos Bíblicos. Roteiro de março de 1984.

Círculos Bíblicos. Roteiro de outubro de 1986.

Conferência Episcopal Latino-Americana (CELAM). *Conclusões de Medellín*. São Paulo: Paulinas, 1979.

_____. *Documento de Puebla*. São Paulo: Loyola, 1982.

Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB). *Comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil*. 7ª Reunião ordinária do conselho permanente. São Paulo: Paulinas, 1982. (Documentos da CNBB, 25).

_____. *Por uma nova ordem constitucional*. (XXIV Assembléia Geral da CNBB). São Paulo: Paulinas, 1986.

DEMOFONTI, Gianni e BRUNETTI, Cesare. *Nino Miraldi: Lettere dal Brasile*. Roma: Editora Anterem, 1996.

JOÃO XXIII, Papa. *Carta Encíclica Mater et Magistra (Sobre a evolução da questão social à luz da doutrina cristã)*. São Paulo: Paulinas, 1961.

_____. *Carta Encíclica Pacem in Terris (Sobre a paz de todos os povos)*. São Paulo: Paulinas, 1963.

Movimento de Educação de Base (MEB). *MEB em cinco anos: 1961 – 1966*. 2ª ed. Distrito Federal: 1982.

SALES, Eugênio de Araújo. *Discurso de posse como Arcebispo do Rio de Janeiro. 24 de abril de 1971*. Disponível em: <<https://domeugeniosales.webnode.com.br/acervo-documental/>> Acessado em: 23/09/2019

ENTREVISTAS

ADAD, Edilson. *História da fundação da Paróquia Menino Jesus de Praga, contada por Padre Bruno*. Disponível em: <<http://adadedilson.blogspot.com/2015/02/historia-da-fundacao-da-paroquia-menino.html>>. Acesso em: 23/08/2019

HYPÓLITO, Dom Adriano. *Dom Hypólito, o bispo sequestrado na Baixada Fluminense*. O PASQUIM. Edição de 18 a 24 de agosto de 1978.

ANEXOS

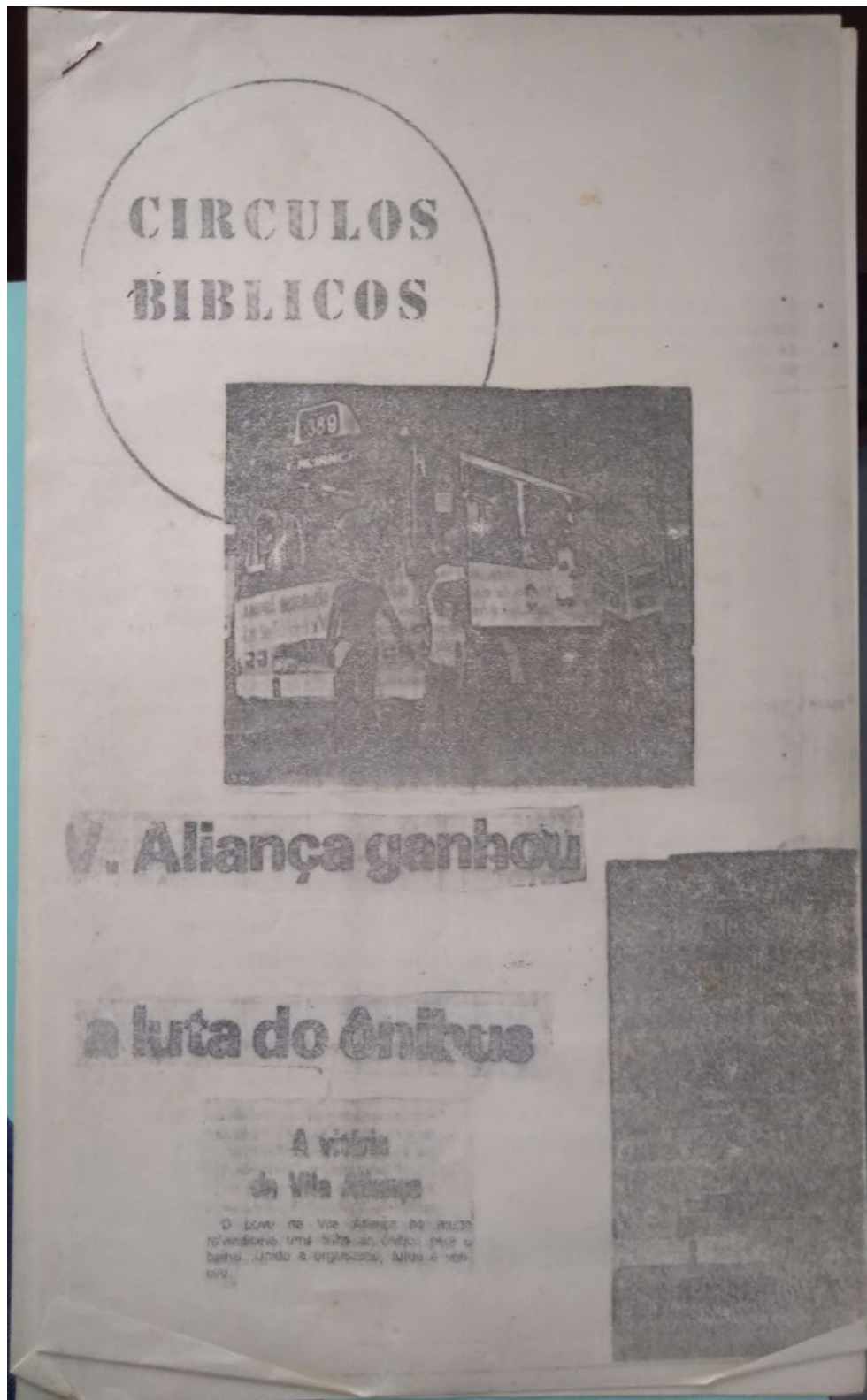
ANEXO 1



Mapa da Arquidiocese do Rio de Janeiro com os limites dos Vicariatos Episcopais Territoriais (1967).

Fonte: LIMA, 2009

ANEXO 2



Roteiro de Círculo Bíblico. “A Vitória da V. Aliança - O povo da Vila Aliança há muito reivindicava uma linha de ônibus para o bairro. Unido e organizado, lutou e venceu”

Fonte: Acervo da sede do Vicariato Oeste

ANEXO 3

8. Enfim, uma notícia que nos vem dos grupos do Evangelho de Itaguara, Goiás : uma notícia que é dolorosa e ao mesmo tempo para nós, cheia de testemunho cristão.

Tiramos a notícia de uma mensagem escrita pelo Bispo de Goiás, Dom Tomas Balduino e feita ler em todas as Igrejas de Goiás :

No dia 23 de janeiro toda a comunidade de Itaguara foi surpreendida pela prisão de seis lavradores, pais de família, de inatacável honradez e honestidade e membros dos grupos de Evangelho.

...

Todos os que foram presos são membros dos grupos do Evangelho. São homens adultos e conscientes, que assumiram livremente um sério compromisso de cristãos dentro da nova caminhada da nossa Igreja Católica após o Concílio Vaticano II.

Será que alguns dos que aqui se dizem católicos estariam procurando destruir estes que se comprometem com o Evangelho ?

Estará sendo programada uma perseguição religiosa em Itaguara movida contra os mais fracos e os mais pobres que se decidiram pelo Cristo / Jesus como fonte de Vida e de libertação para todos os homens ?

Será possível que haja entre nós falsos irmãos que, com o nome de / cristãos, continuam a adorar e a defender o bezerro de ouro do dinheiro e do poder ?

Pelo que se ouve de fofocas e intrigas é bem possível que esta desgraça esteja acontecendo em nossa cidade.

Por isso mesmo, como Bispo, preciso deixar bem claras duas coisas :

- Iª Se acham que estes cristãos estão errados e estão prejudicando a sociedade e merecem ser castigados deveriam punir não a eles mas o Bispo que é responsável por esta Igreja e está aprovando e incentivando o trabalho dos grupos do Evangelho.
- IIª Se querem investigar os membros desta Igreja que o façam às claras, sem subterfúgios sem esconder a mão que atirou a pedra, aplicando o direito da acusação em juízo e aceitando o direito igual de defesa também em juízo. Sem usar covardemente a calúnia para pressionar e intimidar.

Depois de visitar durante um dia todas estas famílias atingidas, posso declarar com alegria e esperança que não encontrei uma comunidade abalada. Pelo contrário vi homens e mulheres na sua maioria firmes e fortes pela consciência cada vez mais clara de estarem servindo os irmãos e por isso mesmo testemunhando em sua própria carne aquela profecia de Jesus, seguida de recomendações:

"Vocês precisam ter cuidado porque serão presos e levados ao tribunal, e serão surrados com chicotes. Por causa de mim serão levados diante de governadores e Reis, e falarão a eles sobre o Evangelho. Quando prenderem e entregarem vocês as autoridades, não fiquem preocupados antes da hora sobre o que devem falar. Quando chegar o momento digam o que Deus quer para vocês dizerem. Porque o que falarem não será realmente de vocês, mas virá do Espírito Santo." Marcos 13,9-12

No dizer de alguns deles esta prisão longe de ser água no fogo, foi adubo nas plantas.

...

Itaguara, 24.01.1976
Dom Tomas Balduino
Bispo de Goiás

Nosso endereço:
CÍRCULOS BÍBLICOS
Estrada do Magarça, 3678
Lc. 26 - Campo Grande
20.000 RIO DE JANEIRO

Roteiro de Círculo Bíblico, março/1976.

Fonte: Acervo da sede do Vicariato Oeste

ANEXO 4

NOTICIÁRIO

1. Aconteceu em Riobamba (Equador)

Em agosto, o Bispo de Riobamba, no Equador, convocou uma reunião para analisar experiências pastorais e trocar ideias sobre a missão da Igreja no meio do povo, sobretudo no meio dos mais pobres.

Participavam do encontro 17 Bispos de vários países, 22 padres, 6 freiras e 12 leigos. Entre os Bispos havia dois brasileiros.

No meio do encontro, o Governo daquele país mandou a polícia fortemente armada de metralhadoras, prender todo mundo, dizendo que aquela era / uma reunião subversiva. Bispos, padres e leigos ficaram presos um dia sem comer e incommunicáveis. Durante a noite, na prisão mesmo, celebraram a Missa, rezando pela polícia que os detinha e dando o abraço da paz também aos policiais.

Depois todos os estrangeiros foram expulsos do país.

Um dos Bispos brasileiros expulsos comentava assim: "Pouco a pouco se firma em mim a certeza de que a libertação (no sentido evangélico) dos índios, dos posseiros, dos camponeses sem terra, dos fracos, dos sem poder, / custara um preço muito alto. Felizes os chamados a pagar este preço!". E outro Bispo (de Santiago-Chile) dizia: "Através do acontecido sinto a presença do Senhor que faz a História e que cria um sinal de Igreja que deseja ser humilde servidora dos pobres e dos que sofrem".

2. Aconteceu em Nova Iguaçu

Na noite do dia 22 de setembro o Bispo de Nova Iguaçu, Dom Adriano Hipólito, foi selvagemmente sequestrado e torturado.

Éis o relato do próprio Bispo: "Eu saía da Casa Paroquial de Miguel Couto, com meu sobrinho e sua noiva, quando percebemos que dois carros arrancaram em nossa direção, assim que entramos no meu Volkswagen. A princípio não ligamos, mas os carros se aproximaram e ameaçavam nos fechar. Meu sobrinho pãpou de repente e eles também. A noiva de meu sobrinho saiu correndo mas nós não conseguimos. Eram seis homens. Nos agarraram. Em seguida começamos a apanhar. Ainda deu para ouvir meu sobrinho gritando agonizado / que parassem. Logo em seguida os carros arrancaram e fui encapuzado. A corda que me prendia estava muito apertada e eu não respirava direito. Um deles arrancou todos os botões de minha batina e com uma tesoura a cortou / em pedaços, assim como a roupa de baixo. Fiquei totalmente despido. Disseram que "isto é para voce aprender, seu comunista sem-vergonha". Em momento algum temi pela minha vida, pois nas duas horas e meia que permaneci sequestrado orei sempre... Os homens afirmaram que o proximo seria o Bispo de Volta Redonda, e depois outros Bispos brasileiros..."

Dom Adriano, depois de tudo, foi jogado feito um saco de lixo, amarrado, na beira de uma rua distante, no suburbio do Rio. Lá ele foi socorrido, logo procurando um posto policial para dar queixa. Disse quem era, contou / tudo e o delegado ainda teve a não-cerimonia de perguntar se ele era mesmo comunista ...

O carro de Dom Adriano foi levado defronte do edificio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, no Rio, e estourado com uma bomba.

O sequestro foi realizado por uma tal "Aliança anti-comunista brasileira" a mesma que se atribui a autoria das bombas jogadas ha alguns meses, na Sede da Ordem dos Advogados Brasileiros, na Associação Brasileira de Imprensa, no Centro de Estudos Brasileiros, entidades que também defendem os Direitos..

As autoridades proibiram que a notícia de D. Adriano e das bombas / saíssem na TV, e, apesar das promessas, os criminosos não foram encontrados. Tudo ficou silencio ...

ANEXO 5

Bispo são bafotadas e pontapés no Povo do Deus. Entretanto: "felizes sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem por causa de mim ...!"

No dia 3 de outubro houve uma celebração de solidariedade a D. Adriano na Catedral de Nova Iguaçu, Milhares de fiéis-inclusive de outras cidades lotaram a Catedral e ruas vizinhas... Mais de 60 padres e bispos estiveram presentes. Durante a Missa um dos Bispos, D. Clemente Isnard, disse o seguinte: "Quando a Igreja não é perseguida e seus ministros gozam de prestigio, devemos desconfiar de que alguma coisa não está certa."

Sempre durante a Missa, D. Adriano varias vezes repetiu que continuará cumprindo sua missão do mesmo jeito, sem medo. E comentou que os espancamentos por ele sofridos não são nada em comparação ao espancamento/sofrido por seu povo.

3. Aconteceu em Ribeirão Bonito-Mato Grosso

"O Padre João Bosco Penido Burnier, missionário entre os índios Ba-cairi (Diamantino-Mato Grosso) foi agredido e assassinado pela polícia / no dia 11 de outubro, as 19 horas.

Regressando de uma reunião de missionários e passando por Ribeirão Bonito, povoado da prelazia, de São Felix, Pe. João Bosco quis acompanhar o Bispo D. Pedro Casaldaliga a delegacia local para ambos reclamarem da injusta prisão e das torturas que estavam sofrendo duas mulheres do lugar...

Quite dias antes, um cabo conhecido na região por suas arbitrariedades e violências, foi morto pelo Sr. Jovino Barbosa por ocasião da prisão dos filhos deste, num clima de valentia e arbitrariedades. A morte do cabo trouxe ao povoado de Ribeirão Bonito um grande contingente de policiais de Barra das Garças. A polícia semeou o terror na área, prendendo, espancando, torturando ...

D. Margarida Barbosa, irmã do Sr. Jovino, foi presa nos dias 5 e 11 e/ torturada pela polícia, que a fez se ajoelhar em cima de tampas de garrafas, durante todo o dia, de braços abertos. Enfiaram agulha na garganta, braços, joelhos e sob as unhas. Espancaram-na... Ouvia-se na rua seus gritos: "não me batam". D. Santana, esposa de um filho do Sr. Jovino, em resguardo ainda, foi também presa nos mesmos dias e violentada por diversos soldados, que também queimaram a roça e a casa do marido, com todo o arroz na tuiha.

O sofrimento destas mulheres foi o motivo da ida do Bispo e do Pe. João Bosco a delegacia de Ribeirão Bonito. Eles tentaram em vão um dialogo sereno com os cabos Juraci e Messias e com dois soldados, intercedendo pelas coitadas. A polícia reagiu com insultos e ameaças. João Bosco recebeu um soco, uma coronhada no rosto e um tiro na cabeça. O Bispo foi ameaçado/ de morte se ousasse denunciar a coisa ...

Durante umas tres horas de lucidez, quando recebia os primeiros socorros no ambulatório da prelazia, o Pe. João Bosco ofereceu seus sofrimentos pelo povo e pelos índios. Foi ungido por D. Pedro e invocou o nome de Jesus com muita fé e entrega. As últimas palavras, foram: "D. Pedro, acabamos nossa tarefa".

Na mesma região, perde a Igreja missionária dois sacerdotes no espaço de dois meses. Pe. Rodolfo morreu defendendo a causa dos índios Bororós. Pe. João Bosco agora morre defendendo duas mulheres pobres e do povo. É hora de martírio. É hora de solidariedade comunal".

(Nota do Bispo de Goiânia, D. Tomaz, presidente do Conselho Indigenista Missionário-CIMI)

Durante a Missa de corpo presente, foi lida esta mensagem dos Padres da Prelazia de Diamantino: "Não podemos ser, ingenuos, pensando que isso seja um fato isolado. As causas verdadeiras tem raízes num sistema de desrespeito a pessoa humana e até de tortura que vem oprimindo as populações dos índios, dos peões, dos operários e de todos os que se solidarizam com eles..." D. Pedro Casaldaliga disse: "...Pe. João Bosco morreu por um Brasil livre, sem injustiças, sem armas opressoras, sem fazendas intimidando e oprimindo posseiros. Vamos continuar a sua caminhada, trabalhando pela causa dos índios, garimpeiros, peões e suas famílias..."

Além do povo da região que de modo maravilhoso manifestou sua conexão pela morte de seu Padre, mitíssimos Bispos do Brasil manifestaram sua opinião. Nosso Pastor, D. Eugênio, Bispo do Rio, disse: "...O trabalho em benefício dos fracos e pobres está no amago do cristianismo e foi sempre assim no cristianismo... A voz da Igreja, sobretudo agora, deve soar com a voz da consciência em favor daqueles que sofrem injustiça... Ter fé não é somente erguer os olhos para Deus e contempla-lo, é também olhar a terra com o olhar de Cristo. Por tudo isso o Padre João Bosco deu sua vida..."

ANEXO 6

C. BÍBLICO - 1ª SEMANA - DEZEMBRO 1973

CATEQUESE

"DIREITOS DO HOMEM = DIREITOS DE DEUS"

1. Partindo da realidade :

Todo mundo já ouviu falar em "direitos humanos" ! São os direitos que cada pessoa humana tem, o direito de viver e de ser respeitado como gente.

- Quem saberia dizer algum "direito humano" importante...?
- Nem sempre os homens reconheceram certos direitos de seus semelhantes! Quem se lembra de algum direito que hoje é geralmente reconhecido, mas que não o era antigamente...? (ex.: o direito de não ser feito escravo; o direito de igualdade entre brancos e pretos... etc.)
- Todos os direitos humanos são respeitados hoje em dia, ou tem algum direito humano que ainda não é respeitado na realidade que vivemos ? Qual ?

2. Mensagem evangélica :

Mas por que estamos falando sobre os direitos humanos ?
E que hoje queremos começar nossa preparação para o Natal. Todos os Católicos do mundo estão preparando-se para o Natal. Esta preparação chama-se ADVENTO (vem da palavra "vinda" : a vinda de Cristo!).

Todos sabem o que é Natal: é Deus que se fez gente. E se também Deus quis tornar-se gente, isso quer dizer que gente é coisa muito importante, a coisa mais importante do mundo. Se Deus se fez gente, quer dizer que cada pessoa humana deve ser respeitada!

Pensem bem : Deus se fez gente...! Foi 1973 anos atrás, lá em Belém, na terra de Israel, que o Filho de Deus nasceu de uma moça de nome Maria. Foi um nenem... depois um rapaz e um homem, igual em tudo a cada um de nós (menos no pecado!). E Deus sabia que nem Ele seria respeitado como gente, desde o começo ! Lá em Belém não quiseram dar a Maria que estava grávida um lugar de gente onde dar a luz a seu filho... a criança nasceu num barraco, numa gruta que nem mendigo... logo depois, a polícia de Herodes perseguia o inocente, querendo mata-lo... e o casal Maria e José tiveram de fugir para fora da própria pátria !

Pois é, desde o começo, desde o seu nascimento, o Filho de Deus não foi respeitado como gente. Não respeitaram seus direitos humanos!

Mas Deus não ficou calado não! Veio por isso mesmo: para gritar que é gente que é importante (não coígas!) ; que cada pessoa humana tem os mesmos direitos, porque todos são irmãos e filhos de Deus ; que cada vez que uma pessoa humana é desrespeitada ou não é reconhecida em seus direitos, é Deus mesmo que vai ser desrespeitado ! Foi Jesus que disse : "Tudo quanto vocês fazem a qualquer pessoa humana, é a mim que o fazem!"

De Jesus em diante, os direitos dos homens se tornaram os direitos de Deus! (monstrar o cartaz e comentar!)

Jesus, pelo seu exemplo de vida e pelo seu ensinamento, nos revelou o único caminho que levará a respeitar os direitos humanos de cada um: o AMOR. "Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei" - "Cada um ame o outro como a si mesmo!"

E esta a libertação que Jesus nos trouxe !

3. Reflexão :

Passaram quase 2.000 anos depois que Deus se fez gente. Será que em todos estes anos os homens cresceram em humanidade ? Será que estão sendo respeitados os direitos da pessoa humana...?

Sem dúvida a semente que Jesus semeou e continua a semear no coração dos homens, cresceu : entre "trancos e barrancos"! Alguns direitos humanos que antes eram quase esquecidos, foram aos poucos sendo reconhecidos por todos : por ex. o direito a não ser feito escravo (=abolição da escravatura) ou o direito de igualdade de todos frente a lei etc.

Um marco importante no caminho da humanidade e no reconhecimento dos direitos e do valor de cada pessoa humana, foi o dia 10 de dez. de 1948.

Continua

ANEXO 7

Feijão, o
udo vai /
sinda não
povo ?
o povo /
itica, /
povo /
levado
frase
sar-
asta/
ando
ca
c/
este
ar-
um
va

E nesta data que a maior parte das nações do mundo (também o Brasil) se reuniram na Assembleia geral das Nações Unidas (chamada ONU) e aprovaram a "DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS".

Vejam alguns dos 30 artigos desta Declaração (monstrar o 2º cartaz);

Art.1 : "Todos os homens nascem livres e iguais em dignidade e direitos. Devem agir como irmãos uns dos outros."
Art.3 : "Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal."
Art.5 : "Ninguém será submetido a tortura, nem a tratamento ou castigo cruel, desumano e degradante."
Art.17 : "Todo homem tem o direito à propriedade, só ou em sociedade com outros."
Art.19 : "Todo homem tem direito à liberdade de opinião e de expressão."
Art.23 : "Todo homem que trabalha tem o direito a uma remuneração justa que lhe permita viver de maneira digna e sustentar a própria família."
Art.24 : "Todo homem tem direito ao repouso semanal e as férias remuneradas".

Todos os países que assinaram esta declaração, (também o Brasil) se comprometeram a respeitar todos seus artigos. Mas será que estão sendo respeitados...? Ou será que muita coisa só ficou no papel...? Nas próximas semanas vamos refletir sobre isso.

c) E a Igreja? E os Cristãos? Não há dúvida que os Cristãos e a Igreja deveriam estar na frente, nesta luta de defender os direitos humanos. Mas sempre a Igreja ficou ao lado dos mais fracos, nem sempre teve a coragem de falar contra as injustiças dos poderosos, nem sempre respeitou os direitos iguais dentro da mesma Igreja (velobrem tantas distinções entre ricos e pobres...)

Nos últimos anos porém, a Igreja está lutando como nunca na defesa dos direitos humanos, para um mundo mais justo. O exemplo veio dos Papas que sobre isso escreveram importantes documentos para os Cristãos e para todos os homens de boa vontade. Quem mais lutou para um mundo mais humano e mais justo, foi o bom Papa João 23. Ele também era camponês e conhecia de perto o sofrimento dos pobres. Entre as muitíssimas coisas importantes que ele fez, está aquela carta circular (chamada Encíclica) escrita no ano 1963, e que chama-se "PAZ NA TERRA". João 23 nos leva a compreender que só haverá paz entre os homens, quando houver justiça e respeito aos direitos de cada homem. Nos faz entender que é dever dos Cristãos, por amor a Deus que se fez homem, interessar-se dos problemas humanos e sociais. Defender e ajudar o homem a ser mais gente, e defender e ajudar a Deus!

E porque muitos Cristãos, já compreenderam isso, que tem Padres, estudantes e operários cristãos, e até Bispos que estão sendo presos e acusados de subversivos...; o mesmo que aconteceu com Cristo! Mas é evidente que os poderosos não vão querer perder seus privilégios, nem se interessar pelos direitos do povo!

No junho deste ano, lá em São Paulo, os Bispos do Brasil, reunidos, lançaram a idéia de promover em dezembro uma campanha sobre os Direitos do homem: para esclarecer os Cristãos e o povo todo sobre isso.

E por ordem de nossos Bispos, que durante todo este mês refletiremos sobre os Direitos do homem.

4. Oração :

Vamos ler o Profeta Isaías. Como nós, ele tem uma grande esperança : "Vão chegar dias... em que Ele vai estabelecer o direito e a justiça neste país !" : ISAÍAS 33, 14-16

Vamos agora suplicar com fé, dizendo : "Vem, Senhor Jesus!"

- * Para que os Cristãos de hoje, à semelhança de Cristo, se preocupem pelas necessidades materiais dos irmãos e por uma maior justiça no país...
- * Para que durante este mês de dezembro possamos nos preparar de fato à vinda de Cristo no Natal...
- * Para que todo os Brasileiros tenham o direito ao trabalho, a posse da terra, a uma justa remuneração, a serem respeitados como gente...
- * etc.

CANTO : "Vai meu povo" (C.F. '73)

NOTA : o 1º cartaz poderia ser assim: recortes de revistas com pessoas em diferentes situações (brancas, pretas, trabalhando, sofrendo etc.) mais estas palavras: "DIREITOS DO HOMEM = DIREITOS DE DEUS"

CANTO

Roteiro de Círculo Bíblico, dezembro/1973, p.2.

Fonte: Acervo da sede do Vicariato Oeste

ANEXO 8

O PAPA E AS COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE

CANTO E ORAÇÃO : escolher

REFLEXÃO : A PALAVRA DO PAPA

Todos nós temos ainda viva, em nosso coração, a lembrança da visita do Papa João Paulo II. É porém importante que guardemos também suas palavras e ensinamentos. Hoje, e nos próximos encontros, vamos refletir sobre alguns dos principais temas abordados pelo Papa em seus pronunciamentos e mensagens, aqui no Brasil.

O Papa queria encontrar-se com os animadores das comunidades de base, mas não deu tempo e assim ele deixou uma mensagem escrita. Esta é muito importante para nosso grupo, que também é e quer ser uma comunidade eclesial de base. Eis o que o Papa diz:

- * "Sei da enorme importância que têm as comunidades eclesiais de base na Pastoral da Igreja no Brasil. Entre as dimensões das comunidades eclesiais de base, julgo conveniente chamar a atenção sobre a "eclesialidade".... Ser eclesiais é sua marca original e seu modo de existir e de operar. Formam-se em comunidades para melhor serem Igreja... Essa eclesialidade se concretiza em uma sincera e leal vinculação da comunidade com seus legítimos pastores, em uma fiel adesão aos objetivos da Igreja, em uma total abertura às outras comunidades e à grande comunidade da Igreja Universal!"

-Como vocês entendem este ser "eclesial" das comunidades de base?

- * "Uma comunidade eclesial ter de ser forçosamente uma comunidade de caridade ou de amor fraterno. Querendo apontar o traço característico dos seus discípulos e seguidores, Jesus proclamava: "Nisto conhecereis que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros". É comunidade de caridade enquanto seus membros procuram mais e mais conhecer-se, viver juntos, partilhar alegrias e dores, riquezas e necessidades..."

-Pensando também em nossa comunidade de base, vamos comentar estas palavras do Papa.

- * "A comunidade de base será "comunidade de caridade" sobretudo enquanto se revela instrumento de serviço mútuo no interior da mesma comunidade; e serviço aos outros irmãos, sobretudo aos mais necessitados. Uma comunidade que se mostra verdadeiramente eclesial, voltada aos objetivos da Igreja, sensível à escuta da Palavra de Deus, ao crescimento da fé, à oração, cresce e se consolida na prática concreta da caridade, desde que não fique comprometida, como pode acontecer, com projetos políticos.

A caridade vivida por uma comunidade pode tomar formas bem diversas: em primeiro lugar ajudar alguém a aprofundar a própria fé; depois, também em gestos de promoção humana de pessoas ou grupos, ou gestos de integração de marginalizados; defesa dos direitos humanos pisoteados; busca da justiça em situações de iniquidade; ajudar a superar condições infra-humanas; criação de mais solidariedade etc. Tudo isso, porém, deve ter a marca de uma verdadeira caridade..."

-Vamos comentar este ensinamento do Papa

A PALAVRA DE DEUS : LUCAS 12,32-34

ORAÇÃO E CANTO FINAL : escolher

